

SAMANTHA SABBAG

**PERCEPÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA AVALIAÇÃO
DO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE MENINOS E MENINAS**

FLORIANÓPOLIS - SC

2008

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E ESPORTES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

SAMANTHA SABBAG

**PERCEPÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA AVALIAÇÃO
DO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE MENINOS E MENINAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Ciências do Movimento Humano, da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Dr. Fernando Luiz Cardoso

FLORIANÓPOLIS

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Sabbag, Samantha

Percepção dos estereótipos de Gênero na Avaliação Desenvolvimento Motor de Meninos e Meninas / Samantha Sabbag. -- Florianópolis, SC / Mestrado em Ciências do Movimento Humano, 2008.

xii, 118f.; 30 cm.

Orientador: Fernando Luiz Cardoso

Dissertação (mestrado) – UDESC / Universidade do Estado de Santa Catarina / Mestrado em Ciências do Movimento Humano.

Referências bibliográficas: f. 107-117.

1. Desenvolvimento motor. 2. Gênero 3. Escolares. 4. . – Dissertação. I. Cardoso, Fernando Luiz. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestrado em Ciências do Movimento Humano. III. Influência dos Estereótipos de Gênero no desenvolvimento Motor de Meninos e Meninas.

CDD: 000.000

SAMANTHA SABBAG

**PERCEPÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA AVALIAÇÃO
DO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE MENINOS E MENINAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Ciências do Movimento Humano, da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fernando Luiz Cardoso (orientador)
(UDESC)

Prof. Dr. Dennis Werner
(UFSC)

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Carmo Saraiva
(UFSC)

Prof. Dr^ª. Giovana Zarpelon Mazo
(UDESC)

Prof^ª. Dr^ª. Stella Maris Michaelsen (suplente)

Florianópolis, 03 de março de 2008.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força e por sempre mostrar os caminhos corretos, me iluminando e impulsionando em todos os momentos.

Aos meu pais que possibilitaram de todas as formas que finalizasse o mestrado e sempre me acalmaram, sendo sempre muito companheiros e acessíveis. Obrigada por todo amor e carinho!

Ao meu orientador Fernandinho que mesmo nos momentos em que esteve distante, sempre se mostrou disposto a ajudar no que foi preciso e também pelo grande crescimento profissional e acadêmico que me possibilitou.

À amiga e companheira Carol, sempre presente nos momentos difíceis me acalmando quando necessário, que mesmo me abandonando no meio do caminho, nunca me deixou sózinha!

À grande amiga Aline tão longe e tão presente, que além dos puxões de orelha, sempre me trouxe paz e alegria nos momentos importantes da vida.

Às amigas Mari, Thais e Carla pelos momentos de alegria e descontração que foram precisos para que tivesse forças para terminar o trabalho.

Aos amigos Casimiro e Elisandro pela companhia e pelo ombro amigo, sugestões e carinho oferecidos quando mais precisei! E não foram poucas vezes!!!

Aos companheiros de laboratório (Ana Carol, Aline, Cinara, Gustavo e Rozana) que presenciaram e participaram de todos os momentos de dificuldade e angústia.

Ao Tiago por sempre estar pronto e disposto não apenas a ajudar, mas a realizar este trabalho junto comigo!

Aos colegas de mestrado (Cris, Mário, Cezare, Leandro, Sal, Jú, Fernando, Guilherme, Rafa, Tina, Aline, Josi, Jhonatan e Márcio) que tiveram tanta paciência, por estarem passando pelo mesmo processo!

Ao mestre e amigo Cláudio, eterno orientador, que mesmo não tendo ajudado diretamente neste trabalho, foi de fundamental importância para minha caminhada na vida acadêmica e profissional!

*“Ando devagar porque já tive
pressa e levo esse sorriso
porque já chorei demais. Hoje
me sinto mais forte mais feliz
quem sabe, eu só levo a certeza
de que muito pouco eu sei, eu
nada sei.”*

(Almir Sater)

RESUMO

As crianças que cruzam os estereótipos sexuais acabam sendo percebidas como divergentes em termos de gênero (comportamentos característicos de sexo oposto). Essa divergência é expressa pelo comportamento motor, ou seja, a forma de sentar, falar, caminhar, jogar, etc. Portanto definir padrões motores adequados para meninos e meninas torna-se inviável quando não consideramos as influências sociais dos papéis de gênero de cada sociedade. Esta pesquisa tem como principal objetivo estudar a influência dos estereótipos de gênero na percepção e avaliação no desenvolvimento motor de meninos e meninas, bem como o impacto do desenvolvimento motor cruzado em algumas crianças na percepção docente sobre relações de gênero. É uma pesquisa de campo, não probabilística, caracterizada como descritiva-comparativa e correlacional. Foram avaliados alunos de ambos os sexos, com idade entre 10 e 15 anos de uma escola da rede pública do Município de São José – SC. Para cumprir com os objetivos propostos utilizou-se dois instrumentos: para o desenvolvimento motor a Escala de Desenvolvimento Motor – EDM (Rosa Neto) e para a Identidade de Gênero um instrumento elaborado pela autora, a Entrevista de Identidade de Gênero. Além da utilização desses instrumentos, foi realizada uma observação informal. Os principais resultados encontrados foram que tanto ao comparar-se os sexos, quanto ao comparar-se os gêneros, não foram encontradas muitas diferenças motoras, porém foram encontradas diferenças significativas em termos de identidade de gênero principalmente entre a preferência esportiva desses alunos. Esses resultados veem reforçar nossa crença de que os estereótipos sexuais criados e impostos pela sociedade influenciam diretamente na escolha e prática esportiva tanto em ambiente escolar, quanto fora deste. Ou, ainda, que as crianças já tenham uma predisposição genética ou epigenética.

PALAVRAS CHAVE: Desenvolvimento motor, identidade de gênero, escolares

ABSTRACT

Children that cross sexual stereotypes are eventually noticed as divergent in gender (characteristic behavior related to the opposite sex). Such divergency is expressed by motor behavior, such as, the way they sit, speak, walk, play, etc. Therefore defining motor patterns that fit both boys and girls become unacceptable when we don't consider the social influences of the gender roles of each society. This research aims to study the influence of gender stereotypes on the perception and evaluation of motor development of boys and girls, as well as the impact of cross motor development in some children according to physical education teachers about gender perception. It is characterized as descriptive-comparative and non probabilistic research. The amount of participants was 207 students, from which 114 were boys and 93 were girls, registered on the fifth grade on a public school from São Jose – SC. In order to accomplish the proposed purpose two assessments were used: first Escala de Desenvolvimento Motor – EDM (Rosa Neto) and later for gender identity, an assessment developed by the author, Entrevista de Identidade de Gênero. Besides this two assessment an informal observation was done. The main results were that either when we compare sex or when we compare gender, we didn't find lot of motor differences. However, significant differences have been found, related to gender identity, mainly according to sportive preferences of these scholars. These results reinforce our beliefs that sexual stereotypes created and imposed by the society influence directly in the sportive choices and practices both at school environment or outside of it. There is still the possibility that the children suffer from a genetic or epigenetic predisposal.

KEYWRDS: motor development, gender identity, scholar

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Preferência por modalidades esportivas de acordo com o sexo.....	40
Quadro 2 - Caracterização geral dos alunos participantes do estudo.....	43
Quadro 3 – Estrutura da Entrevista de Identidade de gênero.....	49
Quadro 4 - Frequência da preferência esportiva dos participantes da pesquisa.....	71
Quadro 5 – Sexo masculino.....	84
Quadro 6 – Sexo feminino.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Detalhes da faixa etária dos participantes da pesquisa.....	59
Tabela 2 - Detalhes das diferentes variáveis avaliadas pela Escala de Desenvolvimento Motor dos participantes.....	60
Tabela 3 - Índice de masculinidade e feminilidade de todas as variáveis no tocante ao instrumento que avaliou a identidade de gênero.....	63
Tabela 4 – Índice de masculinidade e feminilidade com apenas as variáveis que apresentaram diferença significativa no tocante ao instrumento que avaliou a identidade de gênero.....	63
Tabela 5 - Diferenças significativas entre os sexos em relação aos índices de masculinidade e feminilidade da identidade de gênero.....	64
Tabela 6 - Diferença entre os sexos nas distintas variáveis que avaliam o desenvolvimento motor dos participantes.....	65
Tabela 7 - Diferença entre os sexos no desempenho do teste de identidade de gênero.....	68
Tabela 8 - Diferença entre os sexos em relação às preferências esportivas identificadas no instrumento de identidade de gênero.....	69
Tabela 9 - Diferenças entre os sexos em relação à atividade física identificadas no instrumento de identidade de gênero.....	72
Tabela 10 - Diferenças entre os sexos quanto a preferência profissional identificadas no instrumento de identidade de gênero.....	73
Tabela 11 - Correlações entre as variáveis do desenvolvimento motor e as de identidade de gênero do sexo masculino.....	73
Tabela 12 - Correlações entre as variáveis do desenvolvimento motor e as de identidade de gênero do sexo feminino.....	76

Tabela 13 – Masculinidade do sexo masculino.....	79
Tabela 14 – Feminilidade do sexo masculino.....	80
Tabela 15 – Masculinidade do sexo feminino.....	81
Tabela 16 – Feminilidade do sexo feminino.....	83

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma das principais hipóteses sobre a identidade de gênero.....	55
Figura 2 – Fluxograma das principais hipóteses sobre o Desenvolvimento Motor.....	56

LISTA DE APENDICES

APÊNDICE A – Entrevista de Identidade de Gênero.....	98
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	101
APENDICE C - Entrevista de Identidade de Gênero com questões que apresentaram diferença significativa entre os sexos.....	103
APENDICE D – Estudo Piloto	105

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina – UDESC.....	117
---	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	17
1.2 JUSTIFICATIVA.....	20
1.3 OBJETIVOS.....	22
1.3.1 Objetivos Gerais.....	22
1.3.2 Objetivos Específicos.....	22
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1 DESENVOLVIMENTOMOTOR	23
2.2 GENERO.....	30
2.2.1 Transtornos da Identidade de Gênero.....	31
2.2.2 Diferenças Entre Meninos e Meninas.....	33
2.2.3 Gênero e Atividade Física.....	35
3 METODOLOGIA.....	41
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	41
3.2 DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO.....	42
3.3 PARTICIPANTES.....	43
3.4 INSTRUMENTOS DE MEDIDA.....	44
3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA.....	53
3.6 TRATAMENTO ESTATÍSTICO.....	57
3.7 ESTUDO PILOTO.....	58
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	59
4.1 PERFIL DE DESENVOLVIMENTO MOTOR DOS PARTICIPANTES.....	60
4.2 DESEMPENHO DA IDENTIDADE DE GÊNERO DOS	63

PARTICIPANTES.....	
4.3 DIFERENÇA ENTRE OS SEXOS.....	64
4.4 CORRELAÇÕES ENTRE O DESENVOLVIMENTO MOTOR E A IDENTIDADE DE GÊNERO.....	74
4.5 INTERFERÊNCIA DA IDENTIDADE DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR E PREFERÊNCIA ESPORTIVA.....	77
4.5.1 Desenvolvimento Motor.....	78
4.5.2 Preferência esportiva.....	79
4.5.3 Desenvolvimento motor dos alunos indicados pelo professor.....	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	89
APÊNDICES.....	97
ANEXOS.....	117

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

O corpo humano geralmente pode ser percebido e estudado de duas formas: uma funcional, que envolve suas características antropométricas, biológicas, fisiológicas e motoras e outra expressiva, que abrange as características, conceituais, significativas, interpretativas e simbólicas. Ambas as formas podem mensurar e avaliar o “corpo” a partir da percepção dos próprios participantes da pesquisa ou a partir da percepção do próprio pesquisador ou de terceiros. Esta distinção em algumas áreas das Ciências Sociais como a Antropologia, por exemplo, irá definir a percepção dos participantes ou “nativos” de percepção “êmica”, enquanto, a percepção do pesquisador ou de terceiros “estrangeiros” àquele meio cultural, de percepção “ética” (HARRIS, 1968).

Em cada área do conhecimento o corpo, enquanto objeto de estudo, é investigado e tratado de forma diferente, como na Fisioterapia pelas suas possibilidades de expressar funcionalidade e reabilitação, na Psicologia pelas suas possibilidades de comportamento e identidade, na Educação Física pelas possibilidades de expressar o movimento físico e as habilidades desportivas e nas artes pelas suas possibilidades de expressar a natureza e a cultura humana. Estas fronteiras não são tão claras dentre as diversas áreas do conhecimento, nem mesmo, dentro de cada área. Por exemplo, dentro da Educação Física o movimento corporal pode ser percebido como meio de interagir e investigar o mundo que nos cerca no

meio educacional ou como forma de produzir rendimento e desempenho no mundo esportivo. O mais interessante é que mesmo dentro de uma ótica do rendimento e desempenho, a Educação Física pode enfatizar o rendimento e a eficácia em algumas modalidades esportivas preocupando-se muito mais com o resultado do que com o processo, ou pode enfatizar o rendimento e a plasticidade preocupando-se tanto com o resultado como com o processo, isto é, não basta a execução perfeita, ela tem que ser bela. Um bom exemplo da congruência entre resultado e plasticidade corporal, isto é entre desempenho e arte, seriam as distintas modalidades de ginásticas competitivas como a Ginástica Olímpica, a Ginástica Rítmica e Ginástica Aeróbica.

Ao levar em consideração esses dois aspectos, tanto o corpo funcional quanto o corpo expressivo, estamos trabalhando com o conceito de corporeidade do ser humano. Essa mesma corporeidade possui uma base dimórfica, que divide a nossa espécie em machos e fêmeas, remetendo ao corpo geralmente uma função meramente reprodutiva. Nesse trabalho o conceito de sexo remete-se às diferenças morfológicas e funcionais entre indivíduos machos e fêmeas da nossa espécie determinados no processo da fecundação. Mas este substrato biológico que caracteriza machos e fêmeas está carregado de valores, conceitos e percepções que nos diferenciam como seres culturais, sociais e históricos. Quando nos remetemos à noção de corporeidade estamos nos referindo a um substrato natural e cultural, fruto da evolução da espécie que não podem ser indissociados – portanto o corpo funciona e expressa.

A corporeidade como um produto da relação fundante entre natureza e cultura pode ser analisado sobre várias matrizes analíticas, sendo uma das mais populares atualmente a categoria gênero. Este conceito analítico que diz respeito ao comportamento masculino, feminino e andrógono, é baseado nos estereótipos sociais e funcionais e têm como suporte o corpo. Esses aspectos expressam o quanto um indivíduo, independentemente de ser homem ou mulher, possui comportamentos e atitudes considerados socialmente masculinos ou

femininos. Estes modelos pré-existentes que norteiam a educação e as expectativas de um menino masculino e uma menina feminina são definidos como estereótipos, que a princípio já estão colocados socialmente antes do nascimento de cada indivíduo, com função de diferenciar as atitudes sociais de homens e mulheres (BRANNON, 1999).

Os estereótipos que ajudam a construir indivíduos possuem também aspectos limitantes, pois ao mesmo tempo em que contribuem na construção da identidade do indivíduo, os limita em termos corporais, motores e afetivos, ao definir o que seria mais apropriado para meninos e meninas, homens e mulheres. A escola sofre influência de todos esses fatores e acaba se apropriando desses modelos estereotipados, tidos como “normais” (Cardoso, 1994). Assim, no ambiente escolar, as crianças constantemente são comparadas a partir desses padrões de normalidade, que nem sempre são reais, mas fazem parte de uma avaliação subjetiva dessas representações sociais de sexo, gênero, e comportamento motor (Goffman, 1985).

Nem todos os indivíduos têm as mesmas capacidades para incorporar os tradicionais esperados papéis de sexo, gênero e motor. Geralmente espera-se do padrão motor de meninos uma maior capacidade de coordenação motora ampla, melhor noção espacial, melhor precisão de lançamento e principalmente nas habilidades esportivas coletivas. Já do padrão motor das meninas espera-se uma melhor coordenação fina, equilíbrio, atividades rítmicas e nas modalidades esportivas artísticas (BAYLEI, 1996).

As crianças que cruzam esses estereótipos acabam sendo percebidas como divergentes em termos de gênero (comportamentos característicos de sexo oposto). Essa divergência é expressa pelo comportamento motor, ou seja, a forma de sentar, falar, caminhar, jogar, etc (Cardoso; Felipe; Hedegaard, 2005). Logo definir padrões motores adequados para meninos e meninas torna-se inviável quando não consideramos as influências sociais dos papéis de gênero de cada sociedade.

Comumente percebe-se uma preocupação do professor de educação física de proteger e integrar tais crianças, mas a dificuldade destes em defini-los e entender a origem dessas diferenças em termos de gênero, geralmente inviabiliza qualquer ação pedagógica de inclusão, pois ninguém protege ou inclui aquilo que não conhece.

Surge a partir deste imbricado e complexo modelo teórico, que tenta conciliar a relação entre natureza e cultura como uma matriz para se pesquisar na ciência do movimento humano, o seguinte problema: **Qual a influência dos estereótipos de gênero no desenvolvimento motor e identidade de gênero de meninos e meninas em fase escolar? Bem como, qual o impacto do desenvolvimento motor cruzado em alguns alunos na percepção docente em relação ao grupo considerado “típico”?**

1.2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa pode ser justificada baseando-se em dois princípios, um teórico que poderá contribuir para as atuais discussões sobre a etiologia da identidade de gênero e identidade corporal ou motora, a partir de dados e um aplicado que poderá dar maiores subsídios para os professores de Educação Física administrarem possíveis conflitos de gênero em suas aulas.

Em termos teóricos, os dados aqui produzidos deverão demonstrar as diferenças motoras entre os participantes do sexo masculino e feminino, bem como, as diferenças motoras entre os participantes do mesmo sexo. Uma vez identificadas essas diferenças ou similaridades entre os sexos e dentro os sexos, pode-se traçar um perfil motor dessa realidade estudada e buscar por possíveis explicações a partir de outros comportamentos correlatos. Assim, não estaremos concluindo sobre o que achamos ou acreditamos, mas sim, sobre o que

os dados nos apresentaram, bem como sobre as possíveis limitações dos instrumentos de avaliação aqui utilizados. Ao produzir dados de campo controlados por uma boa metodologia de coleta estaremos com certeza contribuindo para essa discussão teórica também em termos internacionais ao mostrar se existem variações e o seu nível de diferenciação entre crianças ou adolescentes do mesmo sexo, ou entre o sexo oposto, além de comparar os indivíduos considerados atípicos em termos de gênero e a média do grupo participante.

. Em termos práticos, os dados aqui produzidos que irão demonstrar as diferenças motoras entre os participantes do sexo masculino e feminino, bem como, as diferenças motoras entre os participantes do mesmo sexo, poderão ajudar o profissional de Educação Física a refletir sobre suas crenças e percepções sobre o desenvolvimento motor de seus alunos, mais especificamente do comportamento motor daqueles que não assimilam os tradicionais estereótipos ou papéis de gênero.

Crianças que apresentam um desenvolvimento motor e de gênero considerado cruzado, podem se tornar um problema social de grande impacto, além de, possivelmente provocar um constrangimento social diante de evidências comportamentais desta incongruência, como por exemplo, o comportamento de gênero cruzado em público de um menino ou de uma menina nas aulas de educação física. Portanto, seria de grande importância identificar possíveis relações entre desenvolvimento motor considerado típico de ambos os sexos, características individuais da identidade de gênero bem como, o impacto da percepção social desse comportamento que se desvia da média. Dados dessa natureza podem ser utilizados segundo Cardoso (1994), como munição para melhor relativizar esses estereótipos e abrir novos horizontes para o desenvolvimento motor de meninos e meninas em nossas aulas de Educação Física.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Esta pesquisa tem como principal objetivo estudar a influência dos estereótipos de gênero no desenvolvimento motor e identidade de gênero de meninos e meninas, bem como o impacto do termo considerado “desenvolvimento motor cruzado” em algumas crianças a partir da percepção docente sobre relações de gênero.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Avaliar o desenvolvimento motor de escolares de ambos os sexos;
- Mensurar a identidade de gênero dos mesmos;
- Comparar as médias sobre o desenvolvimento motor e identidade de gênero entre os dois sexos;
- Buscar correlações entre desenvolvimento motor e identidade de gênero em cada sexo;
- Comparar as avaliações dos alunos indicados pelo professor de educação física como tendo um comportamento cruzado com a média dos demais participantes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DESENVOLVIMENTO MOTOR

Desenvolvimento físico caracteriza o crescimento em tamanho das várias partes do corpo e o aumento em complexidade de suas estruturas e funções. Já o desenvolvimento motor refere-se ao movimento e controle das partes do corpo, desta forma, quando a criança cresce e se desenvolve, a habilidade em usar as partes de seu corpo aumenta em força, velocidade e coordenação (Berns, 2002). O desenvolvimento motor também pode ser definido como uma contínua alteração no comportamento motor ao longo do ciclo da vida, proporcionada pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente (Gallahuee Ozmun, 2005; Teixeira, 2001). Existe uma tendência em pensarmos mais nas crianças, porém essas mudanças também ocorrem com adultos e idosos (Connolly, 2000)

O desenvolvimento das crianças segue padrões típicos, que descrevem o modo como importantes atributos e habilidades se desenvolvem e as idades aproximadas em que aparecem. Esses padrões representam a idade média em que uma criança é capaz de engatinhar, correr, saltar e são úteis para descrever como a maioria das crianças se desenvolve “normalmente”, pois com base neles, pode-se prever como a criança “típica” progride (BERNS, 2002). Embora esses padrões sejam válidos para fins comparativos e preditivos no controle do desenvolvimento “típico” segundo o autor, as crianças individualmente variam

muito, tendo um tempo peculiar para a aquisição e para o desenvolvimento de habilidades motoras.

Apesar do relógio biológico ser bastante específico quando se trata da seqüência de aquisições de habilidades motoras, o nível e extensão do desenvolvimento são determinados individual e dramaticamente pelas exigências da tarefa em si. As faixas etárias meramente representam escalas de tempos aproximadas, as quais certos comportamentos podem ser observados. O excesso de confiança nas delimitações desses períodos de tempo negaria os conceitos de continuidade, especificidade e individualidade do processo desenvolvimentista (Gallahue, Ozmun; 2005), pois ao se traçar uma média, muitas crianças ficarão acima ou abaixo do padrão para sua idade, surgindo assim alguns estereótipos sociais, pois uma criança que não se encaixa nos padrões de normalidade pode sentir-se excluída e prejudicada em relação a outras crianças, podendo gerar traumas e deixar alguns pais decepcionados.

Existem crianças que são mais estimuladas motoramente no ambiente em que vivem, recebem estímulos da família, possuem uma área ampla e cheia de recursos para se desenvolverem plenamente. Outras crianças se encontram desprovidas de recursos, essas vivenciam pouco as situações próprias do mundo infantil, não recebendo, desta forma oportunidades necessárias para um desenvolvimento mais amplo, podendo aumentar a possibilidade de apresentar falhas no seu desenvolvimento (GO TANI, 1978).

A motricidade humana segundo Rosa Neto (2002), pode ser definida a partir dos seguintes aspectos: motricidade fina; motricidade global; equilíbrio; esquema corporal; organização espacial; organização temporal e lateralidade.

A Motricidade fina representa a coordenação visuomanual, que é a atividade mais freqüente e mais comum no homem, a qual atua para pegar um objeto e lançá-lo, para escrever, desenhar, pintar, recortar, etc. Ela inclui uma fase de transporte da mão, seguida de uma fase de agarre e manipulação, resultando em um conjunto com seus três componentes:

objeto/olho/mão. A coordenação visuomanual se elabora de modo progressivo com a evolução motriz da criança e do aprendizado. Visão e feedback perceptivo-motor estão estruturados e coordenados visando produzir um comportamento motor adaptado em qualquer situação (ROSA NETO, 2002).

A mão, que traduz o enfoque central da praxia fina, nomenclatura que Fonseca (1995) utiliza para se referir à motricidade fina, é considerada a unidade motora mais complexa do mundo animal, e é em grande medida a arquiteta da civilização. Para o autor, a praxia fina está relacionada à função de coordenação dos movimentos dos olhos durante a fixação da atenção e durante as manipulações de objetos que exigem controle visual, além de abrangerem as funções de programação, regulação e verificação das atividades preensivas e manipulativas mais finas e complexas. Le Boulch (1983), explica que se deve atribuir uma importância particular à coordenação óculo-manual, da qual depende a habilidade manual requerida pela aprendizagem da escrita e que desempenha um papel importante na consolidação da dominante lateral.

A motricidade global expressa a capacidade da criança, seus gestos, suas atitudes, seus deslocamentos e seu ritmo. O movimento motor global é sinestésico, tátil, labiríntico, visual, espacial, temporal, e assim por diante. Os movimentos dinâmicos corporais desempenham um importante papel na melhora dos comandos nervosos e no afinamento das sensações e das percepções. O que é educativo na atividade motora não é a quantidade de trabalho efetuado nem o registro (valor numérico) alcançado, mas sim o controle de si mesmo – obtido pela qualidade do movimento executado, isto é, da precisão e da maestria de sua execução (ROSA NETO, 2002).

A coordenação global, de acordo com Fonseca (1995), exige a interação entre a tonicidade e a equilíbrio, além da coordenação da lateralidade, da noção do corpo e da estruturação espaço-temporal.

O equilíbrio é a base primordial de toda ação diferenciada dos segmentos corporais. Quanto mais defeituoso é o movimento, mais energia consome; segundo o autor, a luta constante contra o desequilíbrio, pode resultar em uma fadiga, aumentando o nível de estresse, ansiedade e angústia do indivíduo. A criança pequena, antes de alcançar o equilíbrio, adota apenas posturas, o que equivale a dizer que seu corpo reage de maneira reflexa aos múltiplos estímulos do meio. O equilíbrio é o estado de um corpo quando forças distintas que atuam sobre ele se compensam e anulam-se mutuamente. Do ponto de vista biológico, a possibilidade de manter posturas, posições e atitudes indica a existência de equilíbrio (ROSA NETO, 2002).

Para Fonseca (1995) o equilíbrio abrange o controle postural e o desenvolvimento das aquisições de locomoção. É dividido em equilíbrio estático que se caracteriza pelo tipo de equilíbrio conseguido em determinada posição, ou de apresentar a capacidade de manter certa postura sobre uma base. E o equilíbrio dinâmico, conseguido com o corpo em movimento, determinando sucessivas alterações da base de sustentação.

O esquema corporal é um modelo postural, um esquema, uma imagem do nosso corpo, independente das informações cutâneas e profundas, os quais desempenham um papel importante, mesmo que não evidente, na consciência que cada um tem de si mesmo. O modelo postural não é um dado estático, mas sustenta ativamente todos os gestos que nosso corpo realiza sobre si mesmo e sobre os objetos exteriores. A construção do esquema corporal, isto é, a organização das sensações relativas a seu próprio corpo em associação com dados do mundo exterior exerce um papel fundamental no desenvolvimento da criança, sendo assim, esquema corporal é a organização das sensações relativas a seu próprio corpo em associação com os dados do mundo exterior (ROSA NETO, 2002).

Wallon, de acordo com Meur e Staes (1991) defende que o esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação

relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo. Para os autores, a personalidade se desenvolverá graças a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e transformar o mundo à sua volta.

A organização espacial, de acordo com Barreto (2000), é a capacidade de se situar e orientar a si próprio, localizar o outro e os objetos dentro de um determinado espaço. Para o autor, os problemas de espaço são sempre problemas de relacionamento com o próprio corpo e com a gravidade.

Na opinião de Meur e Staes (1991), a estruturação espacial é a tomada de consciência da situação de seu próprio corpo em um meio ambiente, isto é, do lugar e da orientação que pode ter em relação às pessoas e coisas; é a tomada de consciência da situação das coisas entre si; e a possibilidade, para o sujeito, de organizar-se perante o mundo que o cerca, de organizar as coisas entre si, de colocá-las em um lugar, de movimentá-las.

De acordo com Rosa Neto, a noção do espaço é ambivalente, pois ao mesmo tempo, é concreta e abstrata, finita e infinita. Ela envolve tanto o espaço do corpo, como o espaço que rodeia o indivíduo. A organização espacial depende, ao mesmo tempo, da estrutura do nosso próprio corpo (estrutura anatômica, biomecânica e fisiológica), da natureza do meio que nos rodeia e de ter em considerações as modificações dessa relação no curso dos deslocamentos que condicionam nossa orientação espacial. A percepção que o sujeito tem do espaço que o rodeia e das relações entre os elementos que o compõe evolui e modifica-se com a idade e com a experiência. Essas relações chegam a ser, progressivamente, objetivas e independentes (ROSA NETO, 2002)

A partir das reações topológicas, a criança elabora pouco a pouco as reações projetivas e euclidianas. Essa evolução se aplica igualmente à aquisição de uma dimensão da orientação espacial (direita e esquerda). Assim, se estabelece de forma progressiva com a evolução mental da criança a aquisição e a conservação das noções de distância, superfície, volume,

perspectivas e coordenadas que determinam suas possibilidades de orientação e de estruturação do espaço em que vive (ROSA NETO, 2002).

Organização temporal é a capacidade de perceber problemas da duração e da sucessão dos fenômenos. Percepção da sucessão é a possibilidade de o indivíduo se situar em um presente relativo, o agora, e localizar o antes e o depois ou o passado e o futuro, também relativos. É a percepção das seqüências temporais. Percepção da duração é a capacidade de avaliar o tempo de duração de um fenômeno ou do intervalo entre dois fenômenos (BARRETO, 2000).

A estruturação temporal, na concepção de Meur e Staes (1991), é a capacidade de situar-se em função da sucessão dos acontecimentos, da duração dos intervalos, da renovação cíclica de certos períodos e do caráter irreversível do tempo. Para os autores, as noções temporais são muito abstratas, muitas vezes bem difíceis de serem adquiridas pelas crianças.

O tempo é antes de tudo memória, como explica Rosa Neto (2002), e a organização temporal é dividida em dois componentes: a ordem e a duração que o ritmo reúne, sendo que a primeira define a sucessão que existe entre os acontecimentos que se produzem, uns sendo a continuação de outros, em uma ordem física irreversível; a segunda permite a variação do intervalo que separa dois pontos, ou seja, o princípio e o fim de um acontecimento.

A lateralidade na concepção de Rosa Neto (2002), lateralidade é definida como a preferência da utilização de uma das partes simétricas do corpo: mão, olho, ouvido, perna; a lateralização cortical é a especialidade de um dos dois hemisférios quanto ao tratamento da informação sensorial ou quanto ao controle de certas funções. Segundo o autor, a ação educativa fundamental para colocar a criança nas melhores condições para aceder a uma lateralidade definida, respeitando fatores genéticos e ambientais, é a que lhe permita organizar suas atividades motoras.

Para Barreto (2000), a criança que apresentar dominância lateral definida terá movimentos mais precisos, econômicos e harmônicos, estando assim mais apta a desenvolver algumas habilidades necessárias ao seu desempenho social e pessoal, e que a indefinição lateral poderá acarretar sérios problemas na aprendizagem motora, na aquisição de uma habilidade altamente específica e no desempenho geral do sujeito.

De acordo com Berns (2002) Embora sejam válidas para fins comparativos e preditivos no controle do desenvolvimento normal, as normas são médias e, por conseguinte, as crianças individualmente variam muito em cada ponto da norma. Segundo o autor essas diferenças individuais no desenvolvimento motor ocorrem por várias razões. Algumas influências biológicas são a hereditariedade, os hormônios e o sexo. Algumas influências contextuais são a nutrição, a saúde (física e emocional) e o exercício. Entre as influências contextuais encontra-se o desenvolvimento da identidade de gênero, que pode interferir diretamente no desenvolvimento motor dessas crianças, a seguir serão apresentadas as principais definições e estudos na área, para que possamos melhor compreender como ocorre essa interferência.

2.2 GÊNERO

Freqüentemente o termo gênero é confundido com sexo, entretanto, quando utilizamos o termo sexo, nos referimos às diferenças biológicas entre homens e mulheres, sendo classificados como machos ou fêmeas com base em cromossomos, hormônios e órgãos sexuais. Gênero se refere às diferenças psicológicas como percepções e sentimentos que geralmente são percebidos em um contínuo entre masculinidade e feminilidade, ou seja, a forma como as pessoas se comportam e se expressam no seu cotidiano. Identidade de gênero é

um senso básico e pessoal de si mesmo em relação a esse espectro entre a masculinidade e a feminilidade (STOLLER, 1965, 1968).

Existem outros termos intrínsecos ao conceito de gênero, que são os papéis de gênero e os estereótipos sociais. Os papéis de gênero consistem em atividades nas quais homens e mulheres se envolvem no cotidiano, com diferentes frequências e situações, uma representação coletiva que têm que ser seguida para cumprir apropriadamente o seu papel de masculino e feminino, independentemente do seu sexo biológico. Os estereótipos consistem em crenças sobre características bio-fisiológicas e plásticas de homens e mulheres, como sendo atividades apropriadas para cada sexo (BRANNON, 1999). Enquanto os papéis de gênero são definidos por comportamentos esperados, os estereótipos são expressos por crenças e atitudes sobre masculinidade e feminilidade de origem apenas natural. A identidade de gênero trata-se de auto-percepção de cada indivíduo sobre si mesmo em relação a todos esses aspectos em conjunto, isto é, como cada indivíduo se define tendo um sexo biológico já definido na concepção em relação aos papéis e estereótipos de gênero comuns na sociedade em que se nasce, se desenvolve e se relaciona (CARDOSO, 1986).

Os diferentes aspectos do conceito de gênero para Brannon (1999), começam a ser adquiridos pelas crianças desde o nascimento e trata-se de um longo processo, apesar das crianças mostrarem sinais de diferenciação entre homens e mulheres, isso não significa que já possuem uma aprendizagem cognitiva sobre gênero. Mesmo durante as séries iniciais as crianças podem ser levadas a cometer erros na consistência de gênero, através de mudanças na aparência física, ou nomes próprios, indicando o quanto esse aspecto da aprendizagem do gênero é difícil para a criança adquirir. Como quando não querem utilizar roupas de outra cor, ou apontam pessoas na rua mostrando detalhes que acreditam não serem apropriados para aquele sexo, como cabelo, unhas e roupas.

É neste sentido que pode haver a interferência no desenvolvimento motor, pois a criança pode se deixar influenciar por esses estereótipos na sua prática de atividade física. Pode acreditar por exemplo, que se uma menina jogar futebol com um menino, vai se transformar em masculina, da mesma forma que se um menino praticar alguma dança, se tornará afeminado. Desta forma as crianças vão se privando de certos movimentos indispensáveis para um desenvolvimento saudável.

2.2.1 Identidade de Gênero atípica

O desenvolvimento do gênero ocorre com algumas especificidades entre os meninos e as meninas. Embora os meninos recebam uma maior pressão para adotar os papéis de gênero adequados ao seu sexo, com mais frequência, exibem também maior probabilidade de apresentarem atipicidade na identidade de gênero. Essa desordem ocorre quando a criança rejeita o papel de gênero correspondente ao seu sexo biológico e adota comportamentos de gênero cruzado. A maioria das crianças mostra comportamentos que representam uma combinação de masculinidade e feminilidade, o que não indica nenhum tipo de problema clínico ou social. Porém um pequeno número mostra evidências de desordem mais acentuada de identidade de gênero e essas crianças não apenas cruzam comportamentos de gênero, mas também rejeitam a identidade e comportamento do seu próprio sexo, desejando muitas vezes ser magicamente transformados em uma pessoa do outro sexo. (BRANNON, 1999).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o Transtorno de Identidade de Gênero é caracterizado por uma forte e persistente identificação com o gênero oposto, que consiste no desejo de ser, ou a insistência do indivíduo de que ele é do sexo oposto, além de evidências de um desconforto persistente com o próprio sexo atribuído ou uma sensação de inadequação no papel de gênero deste sexo. Entretanto o

diagnóstico não é feito se o indivíduo tem uma condição intersexual física concomitante. Para que este diagnóstico seja feito, deve haver evidências de sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo (DSM-IV, 2000).

Em meninos, a identificação com o gênero oposto é manifestada por uma acentuada preocupação com atividades tradicionalmente femininas e uma forte atração pelos jogos e passatempos estereotípicos de meninas. Eles podem expressar um desejo de ser meninas e declarar que, quando crescerem, serão mulheres. Pode haver, também uma insistência em urinarem sentados e em fingir que não possuem pênis, escondendo-o entre as pernas. As meninas com Transtorno de Identidade de Gênero apresentam reações negativas intensas às expectativas ou tentativas dos pais de que se vistam com roupas femininas. Preferem roupas de menino e cabelos curtos e com frequência são erroneamente identificadas por estranhos como meninos. Essas meninas preferem brincar com meninos, e com eles compartilham interesses em esportes de contato, brincadeiras rudes e jogos tradicionalmente masculinos. Demonstram pouco interesse em bonecas ou em qualquer forma de roupas ou atividades femininas de faz de conta. Uma menina com este transtorno pode recusar-se, ocasionalmente, a urinar sentada, pode afirmar que tem ou terá um pênis e não desejar desenvolver seios ou menstruar (DSM-IV, 2000).

O problema é que esses comportamentos esperados como atitudes masculinas e femininas são tão fortes na sociedade que frequentemente ocorre de uma criança sofrer preconceito por possuir apenas algumas atitudes do sexo oposto. Como no estudo de Hemmer e Kleiber (1981) que ao compararem características de personalidade de crianças indicadas por seus colegas com comportamentos de sexo cruzado a crianças não indicadas, perceberam que crianças classificadas como “sapatões” ou “bichinhas” não indicam necessariamente comportamento de divergência de gênero, mas que o cruzamento de apenas alguns

comportamentos tipificados já são suficientes para serem discriminados e rotulados como diferentes ou anormais.

Apesar das meninas mostrarem mais comportamentos de gênero cruzado, os meninos são encaminhados para tratamentos clínicos com maior frequência, sugerindo uma maior tolerância social deste comportamento para as meninas, pois parece existir um maior estigma associado com o comportamento do gênero oposto em meninos do que em meninas (BRANNON, 1999; DSM-IV, 2000).

Apesar da tentativa de explicar o cruzamento da Identidade de Gênero, esta pesquisa não tem como objetivo identificar crianças que possuam este transtorno, mas sim graduar o nível de masculinidade e feminilidade de meninos e meninas em geral, em relação a suas preferências por papéis de gênero e estereótipos sociais que tem profundo impeto na estruturação da sua identidade de gênero.

2.2.2 Diferenças de gênero entre meninos e meninas

Apesar das diferenças comportamentais entre os sexos masculino e feminino terem uma longa tradição nas ciências humanas, muitas destas diferenças ainda carecem de maiores evidências. As poucas diferenças estatisticamente significativas não parecem ter grande influência nos diversos comportamentos já estudados. No entanto, sabe-se que o comportamento de meninos e meninas tem diferentes motivações o que explica boa parte desta variação em termos de comportamentos, mas não em termos de capacidade (Brannon, 1999).

Nas escolas o conflito social que pode resultar de um comportamento atípico ao gênero é comumente percebido como problemático pelos educadores, mas as funções atribuídas para cada sexo diferenciam-se de etnia para etnia, de sociedade para sociedade,

sendo que, nem sempre, homens e mulheres terão os mesmos comportamentos, atitudes e padrões.

Margaret Mead (1988) realizou uma importante pesquisa sobre papéis sexuais entre três tribos da Nova Guiné, buscando comprovar que o temperamento e os papéis podiam ser determinados pela cultura e não pela natureza. Estas observações em outras culturas possibilitaram que a autora refutasse uma possível unidade psíquica universal com relação a uma personalidade masculina e feminina, sugerindo que os papéis sexuais seriam apenas fruto de uma construção social, apoiando-se a cultura em distinções artificiais para a criação de valores contrastantes entre homens e mulheres.

Recentemente, uma maior quantidade de pesquisas acerca das diferenças não apenas simbólicas entre homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais passou a questionar, com maior veemência, a relatividade cultural extremada, defendida, inicialmente, por Mead (1988) e por muitos movimentos civis organizados em prol da igualdade social. Esses estudos, de forma geral não contestam os ideais de igualdade social, mas sim, o argumento utilizado para tal. Talvez prefiram defender o direito à diferença em todos os níveis. Muitas diferenças entre homens e mulheres como a postura, a personalidade, o vestuário, etc, podem resultar de definições artificiais criadas pela cultura. No entanto, não se pode negar, nestas sociedades, a organicidade humana masculina e feminina, como a força física e a maternidade, respectivamente, o que levanta a possibilidade destes atributos naturais em influenciar a definição de ocupações como a guerra e a criação de filhos nas sociedades simples (CARDOSO, 1994).

As diferenças entre meninos e meninas, vão além de características físicas e da genitália, abrangendo todas as áreas do desenvolvimento, tanto no cognitivo, quanto no social, emocional e físico, sendo influenciadas por questões biológicas e ambientais.

Testes de capacidades intelectuais e de desenvolvimento, desenvolvidos por Hetherington e Parke, verificaram que a partir dos dez anos de idade os meninos demonstram maior capacidade visual espacial que as meninas e a partir de cerca de 12 anos uma maior superioridade intelectual, em especial matemática. O desenvolvimento emocional começa similarmente em crianças de ambos os sexos, sendo semelhantes em dependência, medo e ansiedade, porém conforme as meninas se aproximam da vida adulta, se tornam mais dependentes, ansiosas e temerosas que os meninos. Conforme os meninos se aproximam da vida adulta, ocorre uma maior atração por recreações e ocupações fisicamente arriscadas (BERNS, 2002). Diferenças como estas, detectadas nas pesquisas científicas sobre o comportamento de homens e mulheres devem ser interpretadas com muito cuidado, pois nem sempre estas diferenças se mantêm ao longo do desenvolvimento dos indivíduos, ou podem variar de situação para situação e logo não podem ser relacionadas apenas e reducionisticamente ao processo genético de diferenciação sexual da nossa espécie.

2.2.3 Sexo e atividade física

Em nossa sociedade é comum o fato das mulheres serem vistas como fisicamente inferiores aos homens, ou seja, mais fracas e menos aptas (Roth e Basow, 2004). Segundo Brace-Govan (2002) mesmo características físicas como a largura dos ombros (se são grandes ou largos), de acordo com a interpretação social, podem determinar o quanto um indivíduo é masculino ou feminino e, por exemplo, se uma mulher possui atitudes graciosas, é vista como feminina, mas se um homem apresenta essas atitudes, ele sofre preconceito de afeminado.

De acordo com as pesquisas mais críticas, no mundo do esporte uma pessoa é definida como qualificada athleticamente quando possui atitudes agressivas, “focus” emocional e é competitiva. Por outro lado, se a pessoa é carinhosa, cuidadosa e possui responsabilidade

emocional, é qualificada apenas para ser líder de torcida, assistente de marketing ou relações públicas de algum clube. Portanto, pode-se perceber que qualidades associadas a feminilidade não são levadas em consideração na maioria das organizações esportivas (COAKLEY, 2007).

Parece existir uma certa padronização influenciada pelos estereótipos de gênero, onde em geral, acredita-se que os meninos com algum tipo de divergência de gênero apresentam apenas comportamentos e atitudes femininas, da mesma forma que as meninas com algum tipo de divergência possuem comportamentos apenas rotulados como masculinos. Na realidade tal fato não procede, como foi comprovado no estudo de Green, Neuberg e Finch (1983), que selecionaram garotos com identidade de gênero considerada atípica, isto é, com comportamentos femininos, que participam de grupos femininos e preferem brincadeiras femininas e os compararam aos grupos controle. Os autores perceberam que os meninos “femininos” ocupam uma posição intermediária, que não se equiparam nem com o comportamento dos meninos, nem com o das meninas.

Acredita-se que as mulheres não tenham as mesmas oportunidades sociais de desenvolver suas capacidades motoras que os homens, pois sempre foram poupadas dos grandes esforços físicos e desde muito cedo incentivadas a reproduzirem o comportamento da mãe ajudando nos afazeres domésticos. Enquanto a elas são oferecidos brinquedos como bonecas e utensílios domésticos em miniatura, aos meninos são dados bola e carrinho. As aulas de Educação Física também reproduzem este comportamento. Enquanto a elas são propostas brincadeiras infantis, como roda, a eles a atividade proposta predominantemente é o futebol e as atividades competitivas (ROMERO; NEGRÃO, 1998).

Essas diferenças entre os sexos podem ser historicamente explicadas, pois existem desde que a Educação Física foi introduzida no Brasil, com prática reservada apenas para o sexo masculino. As mulheres começam a participar a partir da reforma da educação em 1928, quando Fernando Azevedo em uma reorganização do ensino deu atenção especial às

mulheres, recomendando práticas peculiares a seu sexo, ou seja, aquelas que não exigiam grandes esforços físicos e que não tivessem caráter competitivo como a natação e a dança. Apesar de serem consideradas inferiores na maioria das práticas esportivas as mulheres destacaram-se na dança e nas artes. Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e lutas, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos e às mulheres, a suavidade de movimento e a distância de outros corpos, garantidos pela ginástica rítmica e pelo voleibol, sendo que o homem que praticasse esses esportes poderia ser visto pela sociedade como afeminado e as mulheres que jogassem futebol, como masculinas, ou mesmo que a prática poderia lhe provocar lesões especialmente nos órgãos reprodutores (SOUSA E ALTMAN, 1999).

À medida que os anos transcorreram, as perspectivas sob as quais se adjetivava o esporte foram se alterando e, nas últimas décadas, presenciamos algumas mudanças: aos homens é dado o direito de praticar o voleibol, sem riscos para sua masculinidade, e o futebol passa a ser praticado por mulheres, tanto nos clubes quanto em algumas escolas. Atualmente as meninas não são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas. Prova disso é que os meninos mais novos e considerados fracos ou maus jogadores também freqüentam bancos de reserva durante aulas e recreios. São às vezes menos solicitados que algumas meninas maiores ou mais habilidosas (SOUSA; ALTMAN, 1999).

Em relação ao desempenho motor, verifica-se uma superioridade entre os meninos em relação às meninas (Berleze, Haeffner, Valentini, 2007; Barreiros, Neto s/d). Essas diferenças iniciais sugestivamente se devem a influências hereditárias, mas são delineadas pelo ambiente no qual a criança cresce e se desenvolve. O nível de atividade motora é maior em meninos mesmo na infância, mas as diferenças de sexo aumentam durante a adolescência. Garotos de

vários países foram observados como mais ativos fisicamente que as meninas. (THOMAS; THOMAS, 1988)

Existem autores, porém, que acreditam que essas diferenças são mais relativas a expectativas socioculturais e não a reais diferenças fisiológicas, como no estudo de Hall e Lee (1984) que ao introduzir em uma escola a instrução co-educacional, enfatizando o desenvolvimento de habilidade e proficiência física igualmente em ambos os sexos, verificaram que as garotas progrediram em igual nível de performance que os garotos e que em algumas séries o progresso feminino foi até maior. Devemos observar, porém, que as meninas obtiveram melhor ou igual progresso, mas não melhor desempenho final.

Entretanto, em um estudo realizado por Nelson et al. verificou-se que ao ajustar as diferenças morfológicas, tomando em consideração diversas variáveis antropométricas (diâmetros articulares, comprimento do antebraço e massa muscular), houve uma aproximação da diferença entre o desempenho média dos meninos e das meninas. Essa diferença era de 57% e passou a 31% após o ajustamento, evidenciando que uma parte da variação motora tem por base diferenças morfológicas, mas que essas variáveis não explicam cerca de 1/3 da diferença do desempenho motor entre os sexos (BARREIROS; NETO s/d).

Ao verificar as pesquisas realizadas sobre o desenvolvimento motor no Brasil percebeu-se que existem poucos estudos tratando de população “típica”. Grande parte dos trabalhos referem-se a populações específicas, como obesos, crianças com dificuldades de aprendizagem, crianças sedentárias, ou em fase pré-escolar. Outra questão que pudemos observar foi que os resultados, em relação a diferença entre os sexos, dependem muito da bateria de avaliação utilizada.

Utilizando a Escala de Desenvolvimento Motor – EDM (Rosa Neto, 2002) os estudos encontram pouca diferença entre os sexos. Como no estudo de Rosa Neto, Costa e Poeta (2004) que ao avaliarem alunos de 5 a 14 anos na cidade de Florianópolis, não encontraram

diferenças entre os sexos. Assim como nos estudos de Rodrigues (2000) e Batistella (2001) nos quais os meninos e as meninas apresentaram valores semelhantes. E no estudo de Rosa Neto (2002), realizado em duas cidades da Espanha, com crianças de 3 a 10 anos, no qual os valores encontrados também apresentaram semelhanças entre os sexos. Devemos salientar que esses estudos não passaram por uma análise estatística mais profunda para a verificação dessas diferenças.

Ao utilizar o Teste de Coordenação Corporal para Crianças – KTK de Kiphard e Schilling (1974) a maioria dos estudos encontra uma superioridade masculina. Como na pesquisa realizada por Lopes et al (2003) na região dos Açores em Portugal, com crianças de 6 a 10 anos, onde os autores puderam observar uma superioridade masculina em todas as idades e tarefas, exceto no salto lateral, tarefa que não apresentou diferença significativa entre os sexos. Verificando a diferença entre os sexos, apenas na coordenação motora grossa, o estudo realizado por Silva (1989) com crianças de 7 a 10 anos, também encontrou superioridade masculina, exceto aos 8 anos, onde as diferenças não foram significativas.

Com a bateria “Movement Assessment Battery for Children – Movement ABC” de Henderson e Sugden (1992), encontrou-se resultados opostos, que os meninos possuem maior atraso motor que as meninas (Henderson, Rose e Henderson, 1992; Wright e Sugden, 1996). Já no estudo realizado por Souza et al (S/D), com crianças de 7 e 8 anos, não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos, exceto no teste de habilidade com bola de 7 anos, no qual os meninos se saíram melhor.

Além das diferenças no desenvolvimento motor, existem diferenças nas preferências esportivas de acordo com o sexo. Apesar dessas diferenças variarem muito de estudo para estudo, existe uma certa padronização, como a preferência do futebol pelos meninos e do vôlei pelas meninas, esses resultados são melhor apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1. Preferência por modalidades esportivas de acordo com o sexo

	(Bader, 2002) 7 – 10 anos* Balneário Camboriú**		(Nobre, 2006) 15 – 18 anos* Florianópolis**		(Soares, 2004) 10 – 12 anos* Joinville**	
	M	F	M	F	M	F
Futebol	66,41%	12,63%	38,8%	13,1%	48,9%	3,17%
Dança	0	4,74%	2,2%	13,1%	0,88%	21,43%
Lutas	7,83%	2,11%	11,9%	6,6%	-----	-----
Basquete	3,79%	5,26%	14,2%	1,6%	1,32%	3,17%
Volei	2,02%	33,68%	9%	21,3%	21,15%	48,41%

M – Sexo masculino

F – Sexo feminino

* Idade cronológica dos participantes da pesquisa

** Cidade onde foi realizada a pesquisa

Nenhum desses resultados define o quanto o desenvolvimento motor é influenciado pelos fatores biológicos ou sócio-culturais, ou ainda pela forma como é avaliado, pois apesar das tentativas, não se pode isolar completamente o indivíduo de um ou de outro fator. Independente de onde ocorre a maior diferença, o mais importante é que se encontre possibilidades sobre como diminuir a influência dos estereótipos de gênero no desenvolvimento motor, oportunizando tanto aos meninos quanto às meninas, uma prática sem preconceitos.

Percebe-se então a validade dos estudos do movimento feminista sobre o tema, pois estes têm servido para lembrar efetivamente aos pesquisadores e praticantes evitarem práticas sexistas, ou linguagem sexista em todos os aspectos da psicologia do esporte (Cox, 2007). A Teoria Crítica feminista enfatiza a necessidade de crítica e transformação da cultura e organização esportiva para que se possa então, representar as perspectivas e experiências femininas, tanto quanto as masculinas na sociedade (Coakley, 2007).

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa de campo, não probabilística, caracterizada como descritiva-comparativa e correlacional porque se propõe analisar as associações entre variáveis (Thomas e Nelson, 2002). O trabalho de campo foi planejado com o objetivo de maximizar as diferenças de gênero, isto é, incorporando intencionalmente alunos do sexo masculino e feminino como extremos de um contínuo em termos de identidade de gênero e desenvolvimento motor, possibilitando uma avaliação escalar dos participantes que foram graduados em termos de desenvolvimento motor e identidade de gênero.

A apresentação do estudo organiza-se através da descrição das principais características dos alunos participantes em categorias, com os dados quantitativos obtidos através das medidas do desenvolvimento motor e da identidade de gênero dos alunos e posteriormente apresentam-se as diferenças e as correlações entre as distintas variáveis dos dois instrumentos da pesquisa. Além da observação informal dos participantes nas aulas de Educação Física.

3.2 DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO

A população desta pesquisa foi formada por alunos do sexo masculino e feminino, devidamente matriculadas na 5ª série do ensino fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José - SC.

O Município de São José foi fundado em 26 de Outubro de 1750 por 182 casais açorianos oriundos das ilhas Graciosa, São Miguel e São Jorge, além de receber em 1829, o primeiro núcleo de colonização alemã do Estado. São José está localizado na parte central do litoral catarinense fazendo parte da região metropolitana de Florianópolis. Segundo dados do IBGE em 2007 a população do município era de 196.887 habitantes. A base de sustentação da economia josefense está fundamentada no comércio, indústria, atividade de prestação de serviços, pesca artesanal, maricultura e produção de cerâmica utilitária. Possui mais de 1.200 indústrias, cerca de 6.300 estabelecimentos comerciais, 4.800 empresas prestadoras de serviço e 5.300 autônomos.

O Colégio selecionado para realização da pesquisa é o maior do município, localizado na região central da cidade, sendo escolhido de forma intencional pelo fato do mesmo conseguir conglomerar alunos de diferentes níveis socioeconômicos. Foi fundado em 1988 e iniciou suas atividades em 1989. Possui uma área de 3.840 m² com três prédios construídos, o Bloco A com 1.594 m², o Bloco B, com 2.821m² e o Bloco C com 1.685 m². O espaço físico é composto por 39 salas de aula, laboratórios de informática, ciências e comunicação, biblioteca, sala de professores, sala de especialistas, sala de vídeo, auditório, sala de dança, cozinha e Quadras Poliesportivas. O Colégio conta com cerca de 150 professores, 75 funcionários, 13 especialistas, 2 fonoaudiólogas e uma média de aproximadamente 4.000 alunos, distribuídos nos períodos matutino, vespertino e noturno. Ao todo são 103 turmas, destas 4 turmas correspondem ao Ensino Infantil, 78 ao Ensino Fundamental (1ª a 8ª séries) e

32 turmas ao Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Oferece ainda atividades extra curriculares como dança, capoeira e futebol.

3.3 PARTICIPANTES

Para este estudo os participantes foram selecionados de forma intencional, sendo estes alunos da 5ª série do ensino fundamental regularmente matriculados na escola de realização da pesquisa. Todos os alunos tinham aula de educação física com o mesmo professor.

A informação acerca dos participantes da pesquisa foi obtida através de uma consulta inicial junto à coordenação da escola. O tamanho da amostra foi de 207 escolares, sendo 114 meninos e 93 meninas, com os respectivos números de indivíduos para cada idade e sexo apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Caracterização geral dos alunos participantes do estudo.

Idade	Sexo				Total
	Feminino		Masculino		
	N	%	N	%	
10 anos	19	20,4	17	14,9	36
11 anos	57	61,3	70	61,4	127
12 anos	11	11,8	18	15,8	29
13 anos	4	4,3	6	5,3	10
14 anos	1	1,1	3	2,0	4
15 anos	1	1,1	0	0	1
Total por sexo	93	100	114	100	207

Todos os procedimentos da pesquisa atenderam as recomendações descritas na literatura e não implicaram em qualquer risco ou prejuízo para os indivíduos participantes. Casos particulares em que fossem detectadas necessidades específicas foram comunicados à direção da escola e encaminhados aos responsáveis. Portanto, o estudo cumpriu as “Diretrizes

e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos” (196/96), editadas pela Comissão Nacional de Saúde. Ao final da pesquisa foi entregue um relatório individual dos alunos ao professor de educação física que repassou os resultados aos alunos como um dos critérios de avaliação da disciplina.

3.4 INSTRUMENTOS DE MEDIDA

Com o intuito de verificar o desenvolvimento motor das crianças foi utilizada a Escala de Desenvolvimento Motor e para mensurar a identidade de gênero dos alunos foi utilizada uma entrevista estruturada, formulada pela autora. Além disso foi realizada uma observação informal utilizando um relatório de uma rotina participativa da vida da escola em algumas circunstâncias.

- Desenvolvimento Motor:

O desenvolvimento motor das crianças foi avaliado utilizando a Escala de Desenvolvimento Motor – EDM de Rosa Neto (2002) que compreende um conjunto de provas diversificadas e com dificuldade graduada, conduzindo a uma exploração minuciosa de diferentes áreas do desenvolvimento motor. Permite avaliar o nível de desenvolvimento motor, considerando êxitos e fracassos em face das normas estabelecidas pelo autor, através da idade cronológica, idades motoras e quocientes motores. A avaliação é dividida em seis áreas: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal; além da lateralidade (mão, olhos e pés). A ênfase foi dada ao resultado de

cada área da psicomotricidade e não aos valores cronológicos que a bateria oferece, por cumprir melhor com os objetivos da pesquisa. Os escores foram definidos de acordo com a idade motora que o aluno alcançou em cada área, esses escores variam de 2 a 11.

Serão explicadas a seguir apenas as atividades da bateria que foram utilizadas para cada área pesquisada:

Motricidade fina

8 anos	Ponta do polegar: Com a ponta do polegar, o aluno deveria tocar com a máxima velocidade possível os dedos da mão, um após o outro, sem repetir a seqüência.
9 anos	Lançamento com uma bola: Arremessar uma bola em um alvo situado a 1,50 m de distância.
10 anos	Círculo com o polegar: Nesta atividade a ponta de um polegar deve estar sobre a ponta do índice da outra mão, serão realizados movimentos rotativos de braço e de mão para que soltando um dos dedos, estes voltem a se encontrar do outro lado.
11 anos	Agarrar a bola: O aluno deve agarrar a bola lançada de 3 metros de distância com apenas uma mão.

Motricidade global

8 anos	Saltar uma altura de 40cm: Esta atividade consiste em saltar sem impulso, com os pés juntos, uma altura de 40 cm (saltar uma fita elástica fixada em dois suportes).
9 anos	Saltar sobre o ar: deve-se saltar no ar flexionando os joelhos para tocar os calcanhares com as mãos.
10 anos	Pé manco com uma caixa: O avaliado deve com apenas um pé no solo impulsionar uma caixinha de madeira, acompanhando uma linha e levando-a até um ponto situado

	a 5 metros.
11 anos	Saltar sobre uma cadeira: saltar sobre uma cadeira a uma distância de 50 cm, com os dois pés juntos e sem pegar impulso.

Equilíbrio

9 anos	Fazer um quatro: Manter-se sobre apenas um pé, com a planta do outro pé apoiada na face interna do joelho contrário durante 15 segundos e depois realizar o mesmo com a outra perna.
10 anos	Equilíbrio na ponta dos pés: Com os olhos fechados, manter-se sobre a ponta dos pés durante 15 segundos
11 anos	Pé manco estático: Com os olhos fechados, manter-se sobre uma perna com o joelho contrário flexionado em ângulo reto durante 10 segundos.

Esquema Corporal

6 a 11 anos	Prova de rapidez: a atividade consiste em riscar uma folha de papel quadriculada o mais rápido que conseguir no período de 1 minuto. A pontuação será fornecida de acordo com um escore, dependente do número de traços que o avaliado alcançou.
-------------	--

Organização Espacial

5 anos	Jogo de paciência: um retângulo de cartolina é colocado diante do aluno, ao seu lado, são colocadas duas metades de outro retângulo, cortado em diagonal, separados por
--------	---

	alguns centímetros. Solicita-se então ao aluno, que pegue os triângulos e junte-os de maneira que resulte em um retângulo semelhante ao outro.
6 anos	Direita / esquerda – reconhecimento sobre si: Identificar em si mesmo a noção de direita e esquerda, quando solicitado que levante a mão direita, levante a mão esquerda e indique o olho direito.
7 anos	Execução de movimentos: o examinador solicita ao examinando que realize movimentos de acordo com uma seqüência como por exemplo: “Agora você irá colocar a mão direita na orelha esquerda”.
8 anos	Direita/esquerda – reconhecimento sobre o outro: o examinador se colocará de frente ao examinado e solicitará que este indique a sua mão direita (do examinador), a sua mão esquerda e em qual mão está a bola.
9 anos	Reprodução de movimentos – representação humana: Frente a frente, o examinador executa alguns movimentos e o examinando deve realizar o mesmo movimento utilizando a mesma mão. Como por exemplo: “mão esquerda no olho direito”.
10 anos	Reprodução de movimentos – figura humana: da mesma forma que a atividade anterior, mas não será o avaliador que demonstrará os movimentos, mas sim bonequinhos desenhados em cartões.
11 anos	Reconhecimento da posição relativa de três objetos: Utilizando três cubos sobre a mesa, um azul, um amarelo e um vermelho, um do lado do outro. O examinador sentado a sua frente, faz algumas perguntas para o examinando, como por exemplo: “o cubo azul está ao lado direito ou ao lado esquerdo do vermelho?” O examinando tem como orientação espacial (ponto de referência) o examinador.

Organização Temporal

Reprodução por meio de golpes	O examinador e o aluno ficam sentados frente a frente, com um lápis na mão cada um e o aluno terá que reproduzir as estruturas de golpes que o examinador estiver fazendo, com o tempo curto ou longo.
Simbolização das estruturas espaciais	Nesta atividade o aluno deverá copiar em um papel as estruturas espaciais representadas através de círculos, que estão sendo mostradas a eles através de um cartão, com o espaço, que representa o tempo, entre os círculos.
Leitura / reprodução por meio de golpes	As estruturas são representadas exatamente da mesma maneira que as estruturas espaciais (círculos no cartão), porém o aluno não irá desenhar, mas dar pequenos golpes com o lápis.
Transcrição de estruturas temporais / ditado	O examinando deve desenhar os golpes que o examinador estiver realizando com o lápis.

A seguir será apresentado um quadro com as opções de resultados para a avaliação motora dos alunos participantes da pesquisa:

Opções de resultados da avaliação motora.

1. Motricidade fina ()2 ()3 ()4 ()5 ()6 ()7 ()8 ()9 ()10 ()11
2. Motricidade global ()2 ()3 ()4 ()5 ()6 ()7 ()8 ()9 ()10 ()11
3. Equilíbrio ()2 ()3 ()4 ()5 ()6 ()7 ()8 ()9 ()10 ()11
4. Esquema corporal

2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

5. Organização espacial

2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

6. Organização temporal

2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

- Identidade de Gênero (APENDICE A):

O outro instrumento possui a intenção de mensurar a identidade de gênero dos alunos, formulado pela autora, com consistência interna de $\alpha = 0,694$ (Alpha de Crombach), considerado um bom índice de consistência. Trata-se de uma entrevista estruturada, com respostas fechadas. Possui questões relacionadas ao comportamento socialmente considerado mais feminino, ou mais masculino, com cinco opções de resposta (nunca, quase nunca, as vezes, quase sempre, sempre), questões relacionadas a preferência esportiva, com três opções de resposta (nunca, as vezes e sempre) e questões relacionadas a preferência de profissão, podendo responder sim ou não para cada uma das 22 profissões.

Com a intenção de explicar a organização do instrumento de identidade de gênero, apresenta-se o quadro 2. Neste quadro cada questão da entrevista está expressa através de uma cor que representa uma parte do instrumento.

Quadro 3: Estrutura da Entrevista de Identidade de Gênero

1. Questões de personalidade / atitude
2. Questões sobre preferência esportiva
3. Questões voltadas à prática de atividade física
4. Questões sobre a preferência profissional (profissões que gostariam de seguir)
M = características mais masculinas, F = características mais femininas
1. Ajo como líder - M 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
2. Sou afetivo(a) - F 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
3. Sou agressivo(a) - M

- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 4. Sou alegre - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 5. Sou ambicioso(a) - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 6. Sou ingênuo(a) - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 7. Pratico muito exercício físico - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 8. Tenho compaixão - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 9. Sou competitivo(a) - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 10. Sou feminino(a) - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 11. Defendo os meus pontos de vista - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 12. Adoro receber elogios - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 13. Sou líder - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 14. Sou delicado(a) - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 15. Sou independente - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 16. Sou leal - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 17. Tomo decisões facilmente - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 18. Sou sensível às necessidades do próximo - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 19. Sou masculino(a) - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 20. Sou tímido(a) - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 21. Sou auto-suficiente - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 22. Sou suave no falar - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 23. Tenho personalidade forte - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 24. Tenho empatia (capacidade de me colocar no lugar dos outros) - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 25. Sou disposto(a) a tomar decisões - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 26. Sou gentil - F**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 27. Sou disposto(a) a correr riscos - M**
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
- 28. Sou compreensivo(a) - F**

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

29. Gosto de brigar fisicamente - M

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

30. Sou dócil - F

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

31. Costumo amedrontar, intimidar alguns colegas - M

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

32. Gostaria de ser mais bonito(a) - F

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

33. Tomo iniciativa quando quero ficar com alguém - M

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

34. Gosto de conversar sobre namoro e relacionamentos - F

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

36. Falo palavrão - M

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

Quais desses esportes você costuma ou gostaria de praticar

1. Futebol – M	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
2. Basquete - M	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
3. Boliche - M	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
4. Kart - M	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
5. Lutas - M	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
6. Vôlei - F	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
7. Ginástica Olímpica - F	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
8. Nado sincronizado - F	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
9. Ginástica rítmica - F	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
10. Balé – F	0() nunca	1() às vezes	2() sempre

1. Sou bom(a) nas atividades esportivas - M

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

2. Meus amigos costumam me chamar para jogar com eles - M

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

3. Minhas amigas costumam me chamar para jogar com elas - F

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

3. Gosto de jogar competindo - M

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

4. Sou considerado(a) descoordenado(a)/desengonçado(a) nas aulas de educação física - F

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

5. Gosto das aulas de educação física - M

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

6. Sou o(a) último(a) a ser escolhido na formação dos times - F

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

7. Num jogo de futebol gosto de jogar como atacante - M

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

8. Num jogo de futebol gosto de jogar como goleiro - F

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

9. Sou um bom dançarino - F

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

Qual das profissões abaixo você mais de identifica? (pode escolher mais de uma opção)

1() Pedreiro - M	0() não	1() sim
2() Mecânico - M	0() não	1() sim
3() Bibliotecário - F	0() não	1() sim
4() Cantor - F	0() não	1() sim
5() Bombeiro - M	0() não	1() sim
6() Florista - F	0() não	1() sim
7() Enfermeiro - F	0() não	1() sim
8() Cozinheiro - F	0() não	1() sim
9() Militar - M	0() não	1() sim
10() Decorador - F	0() não	1() sim
11() Jornalista esportivo - M	0() não	1() sim
12() Costureiro - F	0() não	1() sim
13() Dançarino - F	0() não	1() sim
14() Cientista - M	0() não	1() sim
15() Modelo - F	0() não	1() sim
17() Empresário - M	0() não	1() sim
18() Matemático - M	0() não	1() sim
19() Ator - F	0() não	1() sim
20() Policial - M	0() não	1() sim
21() Jogador de futebol - M	0() não	1() sim
22() Ginasta - F	0() não	1() sim

- Observação Informal:

No período da coleta a autora da pesquisa realizou uma observação informal às aulas de educação física, foram assistidas algumas aulas, sem intervenção da autora, nas quais foram realizadas algumas anotações em pequenos diários de campo. Além das observações alguns alunos foram questionados no horário do recreio, ou no período das aulas, quando se encontravam fora da quadra. Esse questionamento ocorreu, também informalmente, de forma que não foi seguido nenhum roteiro. As perguntas eram sobre as próprias aulas, se os alunos gostavam das mesmas, como o professor organizava suas aulas e quantas aulas livres o professor dava por mês.

Devido ao pequeno número de aulas assistidas e ao pequeno número de alunos questionados, esse diário de campo foi utilizado apenas como um auxílio ao tentarmos compreender os resultados do estudo. Nenhuma análise mais profunda foi realizada com o mesmo.

3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA

Inicialmente estabeleceu-se contato com a direção da escola e com o setor pedagógico, visando, mediante a apresentação da proposta de pesquisa, a autorização para o levantamento de dados entre os alunos. Solicitou-se a permissão dos pais para que as crianças participassem do estudo (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – apêndice B). Posteriormente solicitou-se ao professor de educação física dos alunos da 5ª. série que as avaliações fossem realizadas durante o período das aulas.

A coleta foi realizada entre os meses de agosto a outubro de 2007. A avaliação motora e a entrevista foram realizadas em um corredor fechado, onde apenas o aluno e os avaliadores estavam presentes, sendo avaliados dois alunos por aula.

Num primeiro momento foram realizadas todas as avaliações motoras, participaram desta avaliação a pesquisadora responsável e um auxiliar, cumprindo sempre exatamente as mesmas funções, para evitar mudanças da forma como a bateria foi aplicada e mudanças de percepção dos resultados, em seguida foi aplicada a entrevista de identidade de gênero, pois como os alunos deveriam estar muito a vontade para responder essas questões, fazia-se necessário que estivessem sozinhos com a pesquisadora responsável.

Com o intuito de melhor explicar a análise e coleta dos dados foi criado um fluxograma para explicar cada variável independente: Identidade de Gênero e Desenvolvimento Motor. Estes fluxogramas estão apresentados na figura 1 e figura 2.

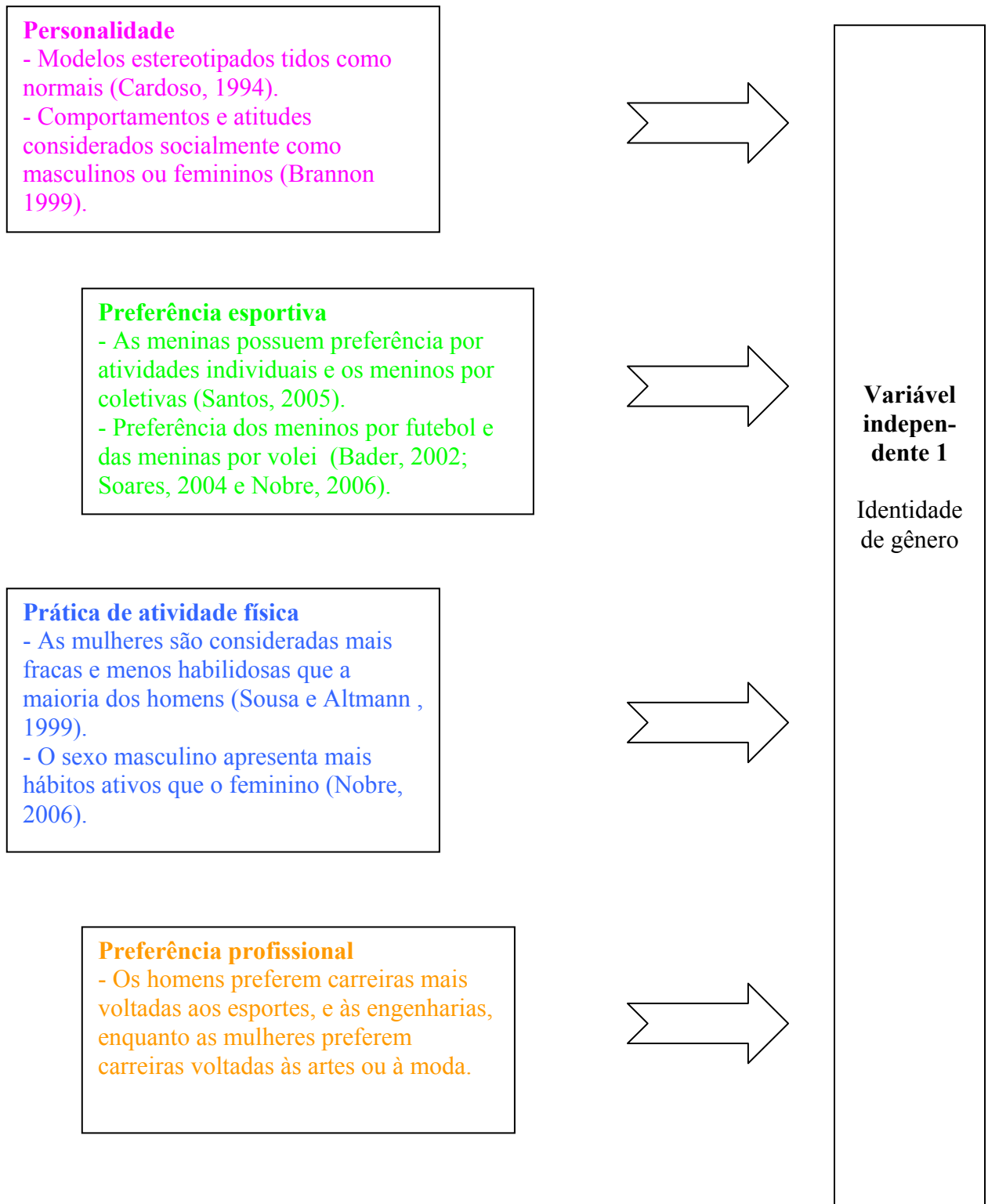


Figura 1: fluxograma das principais hipóteses sobre Identidade de Gênero

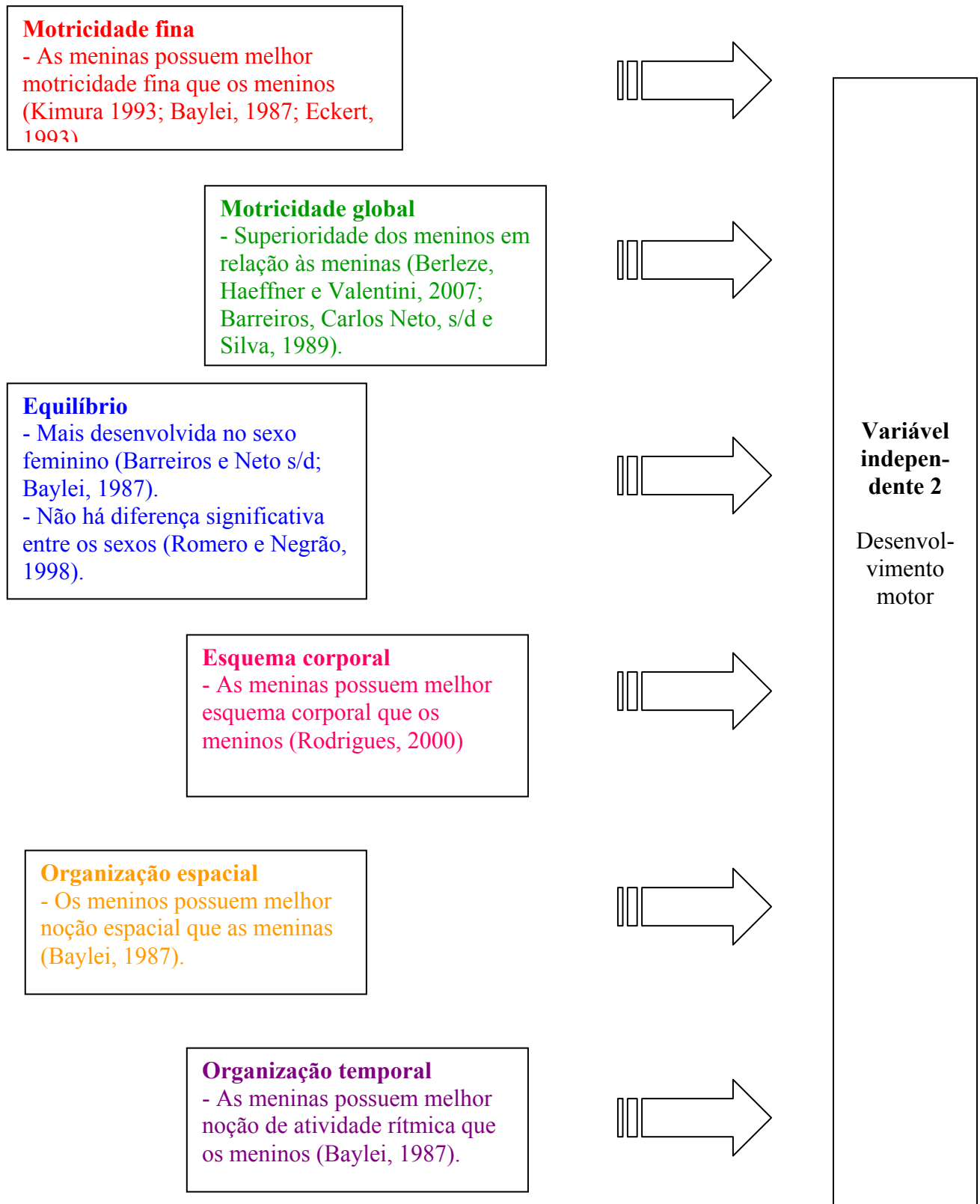


Figura 2: Fluxograma das principais hipóteses sobre o Desenvolvimento Motor

3.6. TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Os dados da pesquisa foram inseridos e analisados no programa computadorizado Statistical Package for the Social Science (SPSS for Windows) versão 15.0. Realizou-se um estudo descritivo dos dois instrumentos de pesquisa utilizados. O teste T de Student foi utilizado para verificar diferenças entre os sexos e a correlação foi utilizada para verificar possíveis relações entre o desenvolvimento motor e a identidade de gênero. Para a realização de uma análise de variância - ANOVA com a intenção de verificar a interferência da identidade de gênero no perfil de desenvolvimento motor e na preferência esportiva dos alunos, foram criadas categorias a partir das médias da entrevista de identidade de gênero. Essas categorias basearam-se nos índices de masculinidade e feminilidade e foram divididas em quatro grupos: a “masculinidade Dos rapazes” a “feminilidade dos rapazes” a “masculinidade das meninas” e a “feminilidade das meninas”. Essas categorias ainda foram subdivididas, cada uma em quatro postos, para o sexo masculino: índice de masculinidade – pouco masculino (16 – 23), razoavelmente masculino (24 - 31), masculino (32 – 38) e muito masculino (39 – 46) e índice de feminilidade – pouco feminino (4 – 13), razoavelmente feminino (14 – 22), feminino (23 – 32) e muito feminino (33 – 42). E para o sexo feminino: índice de masculinidade – pouco masculina (2 – 10), razoavelmente masculina (11 – 18), masculina (19 – 27) e muito masculina (28 – 36) e índice de feminilidade – pouco feminina (20 – 26), razoavelmente feminina (27 – 33), feminina (34 – 40) e muito feminina (41 – 47).

Além dessas análises solicitou-se ao professor de educação física dos alunos avaliados que indicasse os alunos, que de acordo com ele, possuissem comportamentos divergentes em termos de gênero. As médias do desenvolvimento motor desses alunos foram comparadas às médias gerais dos participantes, com o intuito de verificar as diferenças entre as mesmas.

O pequeno diário de campo das aulas assistidas e dos alunos questionados foi utilizado apenas na tentativa de explicar alguns resultados da pesquisa, nenhuma análise estatística foi realizada com o mesmo.

3.7 ESTUDO PILOTO

O estudo piloto (APÊNDICE B) foi realizado na mesma instituição de ensino, com alunos da sexta série do ensino fundamental. Foram utilizados para o piloto alunos de série diferente porque todos os alunos da 5ª série fariam parte da pesquisa. Na aplicação do estudo piloto foram seguidos todos os passos metodológicos propostos para o estudo e aplicados todos os instrumentos na mesma seqüência prevista, para se obter uma visão fidedigna, permitindo a verificação da viabilidade de aplicação dos instrumentos. Porém ao finalizar esse processo verificou-se que os dados fornecidos pela bateria de avaliação motora *Movement Assessment Battery for Children* (HENDERSON; SUGDEN, 1992) (ANEXO 3) não estavam oferecendo a variação necessária para correlacionar com a entrevista de identidade de gênero, portanto decidimos reavaliar as mesmas crianças, aplicando outra bateria, a Escala de Desenvolvimento Motor – EDM. Essa coleta decorreu da mesma forma que a anterior, nas aulas de Educação Física. E como sugerido pelos membros da banca de qualificação ocorrida no dia 07/08/2007, optamos pela utilização da Bateria de Avaliação Motora – EDM.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados estão apresentados de acordo com os objetivos do estudo. Primeiramente os dados referentes ao desenvolvimento motor dos escolares participantes, posteriormente os dados do perfil da identidade de gênero, e por fim, as diferenças e correlações entre estas variáveis. Em seguida discutem-se as possíveis interferências dos estereótipos de gênero na percepção e avaliação do desenvolvimento motor e preferência esportiva dos poucos alunos percebidos como divergentes em termos de gênero.

Os participantes desta pesquisa são homogêneos em termos de idade, tendo mais meninos do que meninas envolvidas, sendo que a média de idade entre os sexos é muito semelhante. As médias de idade com mais detalhes em relação ao sexo estão representadas na tabela 1.

Tabela 1 – Detalhes da faixa etária dos participantes da pesquisa.

Sexo		Idade			Diferença
		Média	Mínima	Máxima	
Masculino	114* (55,1%)**	11,19 (sd 0,85)	10	14	T = 0,978 p = 0,329
Feminino	93* (44,9)**	11,08 (sd 0,87)	10	15	

*Número de alunos

**Porcentagem de alunos

sd = desvio padrão

Teste T – diferença entre as médias

p = Significância – considerados valores abaixo de 0,05

A diferença entre as médias de idade do sexo masculino e do sexo feminino não são estatisticamente significativas, desta forma qualquer diferença encontrada entre os sexos não devem ser associadas à diferença de idade.

4.1 PERFIL DE DESENVOLVIMENTO MOTOR DOS PARTICIPANTES

As médias relacionadas à avaliação motora foram satisfatórias na maioria das variáveis de acordo com o teste. Apesar desses resultados serem controlados pela idade biológica dos alunos, o teste utilizado foi criado para avaliar crianças de 2 a 11 anos, assim mesmo com a idade variando de 10 a 15 anos (média de 11,15 anos), o máximo de escore possível no teste seria 11.

Tabela 2 – Detalhes das diferentes variáveis avaliadas pela Escala de Desenvolvimento Motor dos participantes.

EDM*	Média	Mediana	Sd	Mínimo	Máximo
Motricidade fina	10,34	11	0,8	8	11
Motricidade global	10,65	11	0,7	8	11
Equilíbrio	10,29	10	0,8	5	11
Esquema corporal/rapidez	10,78	11	0,5	8	11
Organização Espacial	8,46	8	1,4	5	11
Linguagem/organização temporal	10,23	11	1	7	11

*Os resultados da Escala de Desenvolvimento Motor podem variar de 2 a 11
Sd = desvio padrão

A variável “Esquema corporal/rapidez” foi a que os alunos se saíram melhor, é um teste simples no qual deveriam preencher uma folha cheia de quadradinhos durante um minuto. A única variável que ficou bem abaixo da média foi a “organização espacial”, pois os alunos apresentaram uma média de 8,46 e a idade média deles é de 11,15 anos. Provavelmente porque nesse teste além da noção espacial os avaliados precisam de uma boa noção de lateralidade (“direita” e “esquerda”). Ficou muito claro durante a avaliação a dificuldade dos alunos nesse sentido, uma grande parte não conseguia nem identificar o seu braço direito ou o esquerdo, quando eram questionados sobre a mão com que escreviam, não

sabiam responder, apenas levantavam a mão e diziam “essa aqui”, houve até alguns casos em que erraram, mostraram uma mão e depois escreveram com a outra. Apesar da baixa performance nesta variável, os alunos que tiveram os maiores índices de organização espacial também foram os que obtiveram as melhores notas em Educação Física ($r = 0,162, p = 0,021$) e apenas dentre os meninos, aqueles que tiveram os melhores índices, obtiveram também melhores notas em Português ($r = 0,186, p = 0,048$) e Matemática ($r = 0,306, p = 0,001$). Em um estudo realizado por Mastroianni et al. (2006) em Presidente Prudente (SP), foram encontrados resultados bem diferentes onde as variáveis nas quais os alunos obtiveram piores resultados foram a de “esquema corporal” e “rapidez” e os melhores resultados foram na “Estruturação espaço-temporal” e “coordenação dinâmica geral”. Os testes utilizados foram diferentes, o que pode explicar a diferença no teste de “organização espacial” e “estruturação espaço-temporal”, pois ao contrário do presente estudo, o teste destes autores era verificado através de desenhos e rotações das estruturas espaciais, não requerendo desta forma noções de “direita” e “esquerda”. O que não explica a diferença no teste de esquema corporal e rapidez, pois foram utilizados exercícios semelhantes. As únicas variáveis que apresentaram semelhanças entre os nossos resultados e os de Mastroiane et al (2006) foram a “motricidade global” e “coordenação dinâmica geral”. Nas duas pesquisas, citadas acima, essas variáveis obtiveram resultados satisfatórios. Em relação à motricidade global as meninas que obtiveram as maiores médias também apresentavam as melhores notas em Educação Física ($r = 0,295, p = 0,004$), o mesmo não se observou para os meninos.

Quanto à “linguagem / organização temporal”, que foi avaliada através de testes de ritmo, os alunos que apresentaram as maiores médias nos referidos testes, também apresentaram as melhores notas em Matemática ($r = 0,356, p < 0,001$) e apenas as meninas também obtiveram melhores notas em Português ($r = 0,286, p = 0,006$) e em Educação Física ($r = 0,253, p = 0,015$).

Foram encontrados poucos estudos utilizando a Bateria de Avaliação Motora (EDM) com população “típica” no Brasil, a grande maioria dos estudos avalia populações específicas: pré escolares (Pereira, 2002), (Rodrigues, 2000), (Caetano, Silveira e Gobbi, 2005) e (Crippa, et al, 2003), crianças com dificuldades de aprendizagem (Rosa Neto, et al, 2000), (Rosa Neto, et al, 2004), (Silveira, 2004), (Poeta, 2005) e (Medina, Rosa e Marques, 2006), crianças com altas habilidades (Rosa Neto, 2005), crianças cardiopatas (Silva, 2006), crianças asmáticas (Domingues, 2002), crianças obesas (Carrilho, 2002) e crianças com deficiência mental (Mansur e Marcon, 2006).

Em um estudo realizado por Rosa Neto (1997) utilizando a EDM, em crianças de 3 a 10 anos de idade, estudantes de colégios públicos na cidade de Zagaroza, na Espanha. Os resultados apontaram médias maiores que a idade cronológica (79,2) para todas as variáveis, exceto o equilíbrio, que ficou com média bem abaixo da idade cronológica – (67,9) e a média mais alta encontrada foi na habilidade de organização espacial (90,1). Ao contrário do presente estudo, onde esta foi a média mais baixa encontrada. Já no estudo realizado por Batistella (2001), com crianças de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental na cidade de Cruz Alta – RS, a média de idade cronológica das crianças era de 100,9 e os piores resultados foram para a organização temporal (74,8) e organização espacial (85,8), os outros resultados ficaram mais próximos à média de idade, sendo que a variável que obteve média mais alta foi a motricidade global (103,8). Mostrando que talvez os baixos escores na organização espacial possam ser decorrentes de uma deficiência na educação brasileira.

4.2 DESEMPENHO DA IDENTIDADE DE GÊNERO DOS PARTICIPANTES

Para verificar o perfil de identidade de gênero foi criado um índice de atitudes masculinas e um índice de atitudes femininas através da entrevista de gênero a partir dos tradicionais estereótipos de gênero. O índice foi calculado primeiramente com todas as variáveis do instrumento (observar na tabela 3) e posteriormente apenas com as variáveis que apresentaram diferença significativa entre os sexos (observar na tabela 4).

Tabela 3 - Índice de masculinidade e feminilidade de todas as variáveis no tocante ao instrumento que avaliou a identidade de gênero

Índices	Sexo	Índice total*	Sd	Mínima	Máxima
Índice de masculinidade	Masculino	63,56	10	33	98
	Feminino	48,95	11	23	76
Índice de feminilidade	Masculino	52,23	10	27	80
	Feminino	71,32	10	45	93

*Esse índice foi criado através da soma de todas as variáveis da entrevista de identidade de gênero
sd = desvio padrão

Tabela 4 - Índice de masculinidade e feminilidade com apenas as variáveis que apresentaram diferença significativa no tocante ao instrumento que avaliou a identidade de gênero

Índices	Sexo	Índice total*	Sd	Mínima	Máxima
Índice de masculinidade	Masculino	33,01	6,1	16	46
	Feminino	18,32	6,3	2	36
Índice de feminilidade	Masculino	18,01	6,7	4	42
	Feminino	36,06	6,3	20	47

*Esse índice foi criado através da soma de todas as variáveis da entrevista de identidade de gênero
sd = desvio padrão

Pode-se verificar que existe uma clara diferença entre as médias de masculinidade e feminilidade entre os sexos, apesar de algumas variáveis terem se comportado no centro dessa dispersão. Através da tabela 5, que expõe os dois índices (com todas as variáveis e com

apenas as variáveis significativas do teste de gênero) pode-se perceber que as diferenças entre as médias de masculinidade e feminilidade entre os sexos aumentaram tornando-se um instrumento mais confiável em termos de coerência interna e homogeneidade. No entanto, independentemente do índice utilizado as diferenças entre os sexos em relação ao índice de masculinidade e feminilidade se mantêm.

Tabela 5 - Diferenças significativas entre os sexos em relação aos índices de masculinidade e feminilidade da identidade de gênero

Variáveis	Meninos		Meninas		Teste T	Significância
	Média	Sd	Média	Sd		
Índice de masculinidade com todas as questões	63,56	9,9	48,95	11	9,69	<0,001
Índice de feminilidade com todas as questões	52,23	10	71,32	10	-12,98	<0,001
Índice de masculinidade com as variáveis significativamente diferentes	33,01	6	18,32	6,3	16,91	<0,001
Índice de feminilidade com as variáveis significativamente diferentes	18,01	6,6	36,06	6,3	-19,56	<0,001

Sd = desvio padrão

Teste T – diferença entre as médias

Significância – considerados valores abaixo de 0,05

As questões utilizadas para construir esse índice, que apresentaram diferenças significativas estão apresentadas nas tabelas 7, 8, 9 e 10.

4.3 DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS

Realizou-se um teste T de *Student* para verificar a diferença entre os sexos em cada variável do desenvolvimento motor. Os resultados estão expressos na Tabela 6.

Tabela 6 – Diferença entre os sexos nas distintas variáveis que avaliam o desenvolvimento motor dos participantes.

Variáveis	Meninos		Meninas		Teste T	Significância
	Média	Sd	Média	Sd		
Motricidade fina	10,59	0,6	10,03	0,9	4,982	<0,001
Motricidade global	10,75	0,6	10,54	0,8	2,044	0,042
Equilíbrio	10,25	0,8	10,33	0,9	-0,643	0,521
Esquema corporal / rapidez	10,75	0,5	10,82	0,5	-0,786	0,433
Organização espacial	8,51	1,4	8,40	1,5	538	0,591
Linguagem / organização temporal	10,30	0,9	10,15	1	1,066	0,288

Sd = desvio padrão

Teste T – diferença entre as médias

Significância – considerados valores abaixo de 0,05

As variáveis que apresentaram diferença significativa entre os sexos foram “Motricidade fina” e “Motricidade global”, em ambas as variáveis os meninos obtiveram melhores resultados. Essa superioridade entre os meninos em relação às meninas quanto à motricidade global é verificada por outros estudos (Berleze, Haeffner e Valentini, 2007; Barreiros e Carlos Neto, s/d), diferença que pode ser explicada tanto por fatores morfofuncionais, quanto por fatores sócio-culturais, pois as ações que exigem mais força, mais agilidade, segmentos mais longos, ou estruturas de suporte articular mais robustas (como correr, saltar, ou lançar) são favorecidas fisicamente e estimuladas culturalmente no sexo masculino (Barreiros e Carlos Neto, s/d). Em relação à motricidade fina entretanto, espera-se uma superioridade do sexo feminino (Baylei, 1987), acredita-se que este estudo encontrou um resultado diferente devido ao teste utilizado, o qual priorizava atividades de lançamento de bola. Tanto a atividade de lançamento, quanto a bola, de acordo com Barreiros e Carlos Neto (s/d) fazem parte essencialmente das atividades masculinas. Assim como, segundo Sousa e Altmann (1999) tais variáveis intervenientes poderiam explicar essas diferenças nos testes entre meninos e meninas, pois não se dá igual oportunidade às mulheres de desenvolverem habilidades com bola, pois as mesmas seriam vistas como masculinas pela sociedade.

O Equilíbrio é uma atividade delicada e que exige concentração, acredita-se que é mais desenvolvida no sexo feminino (Barreiros, Neto, s/d; Baylei, 1996), porém neste estudo não houve diferença significativa entre os sexos, assim como no estudo de Romero e Negrão (1998), onde não foi encontrada diferença no desempenho de meninos e meninas na atividade de equilíbrio. Já no estudo de Mastroianni, et al (2006) foi verificado o contrário, pois as meninas apresentaram um atraso motor maior que os meninos em relação ao equilíbrio.

As demais variáveis também não apresentaram diferença significativa entre os sexos. Esses resultados, ao serem comparados ao estudo de Mastroianni, Bofi, Saita e Cruz (2006) assemelham-se nas variáveis: “Organização espacial” e “Linguagem/organização temporal”, pois os autores encontraram resultados muito semelhantes entre os sexos na “Estrutura espaço-temporal”, apesar das diferenças entre os testes aplicados por cada bateria. Porém, os estudos se diferenciaram em relação ao esquema corporal e à rapidez, pois os autores encontraram atraso motor maior para as meninas nessas variáveis.

Através da revisão literária ficou claro que os resultados do desenvolvimento motor, em relação à diferença entre os sexos, na maioria dos estudos encontrados, dependem muito da bateria de avaliação utilizada.

Utilizando a Escala de Desenvolvimento Motor – EDM (Rosa Neto, 2002) os estudos encontram pouca diferença entre os sexos, como no estudo de Rosa Neto, Costa e Poeta (2005) que ao avaliarem alunos de 5 a 14 anos na cidade de Florianópolis, não encontraram diferenças entre os sexos. Assim como nos estudos de Rodrigues (2000) e Batistella (2001) nos quais os meninos e as meninas apresentaram valores semelhantes. E no estudo de Rosa Neto (2002), realizado em duas cidades da Espanha, com crianças de 3 a 10 anos, no qual os valores encontrados também apresentaram semelhanças entre os sexos. Resultados que ficaram muito próximos aos encontrados pela nossa pesquisa, utilizando o mesmo instrumento.

Ao utilizar o Teste de Coordenação Corporal para Crianças – KTK de Kiphard e Schilling (1974) a maioria dos estudos encontra uma superioridade masculina. Como na pesquisa realizada por Lopes et al (2003) na região dos Açores em Portugal, com crianças de 6 a 10 anos, onde os autores puderam observar uma superioridade masculina em todas as idades e tarefas, exceto no salto lateral, tarefa que não apresentou diferença significativa entre os sexos. Verificando a diferença entre os sexos, apenas na coordenação motora grossa, o estudo realizado por Silva (1989) com crianças de 7 a 10 anos, também encontrou superioridade masculina, exceto aos 8 anos, onde as diferenças não foram significativas.

Com a bateria “Movement Assessment Battery for Children – Movement ABC” de Henderson e Sugden (1992), encontrou-se resultados opostos, que os meninos possuem maior atraso motor que as meninas (Henderson, Rose e Henderson, 1992; Whight e Sugden, 1996). Já no estudo realizado por Souza et al (S/D), com crianças de 7 e 8 anos, não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos, exceto no teste de habilidade com bola de 7 anos, no qual os meninos se saíram melhor.

Nas tabelas a seguir, tabelas 7, 8, 9 e 10 estão apresentados os dados referentes às diferenças significativas entre os sexos de acordo com o desempenho no teste de identidade de gênero.

Tabela 7 – Diferença entre os sexos no desempenho do teste de identidade de gênero

Variáveis	Meninos		Meninas		Teste T	Significância
	Média	Sd	Média	Sd		
Pratico muito exercício físico – M	3,36	0,9	2,52	1,1	5,848	<0,001
Sou competitivo (a) – M	2,54	1,4	1,89	1,4	3,279	0,001
Sou feminino (a) – F	0,22	0,6	3,86	0,5	-44,37	<0,001
Sou delicado (a) – F	1,8	1,1	3,03	1	-7,971	<0,001
Sou sensível às necessidades do próximo – F	2,4	1,1	3,17	0,9	-5,294	<0,001
Sou masculino (a) – M	3,73	0,7	0,2	0,5	39,76	<0,001
Sou tímido (a) – F	2,21	1,4	2,61	1,3	-2,054	0,041
Sou dócil - F	2,60	1,1	3,17	0,9	-3,952	<0,001
Gostaria de ser mais bonito (a) – F	2,13	1,6	2,74	1,6	-2,665	0,008
Tomo iniciativa para ficar com alguém – M	2,27	1,5	1,59	1,5	3,147	0,002

Questões da entrevista de identidade de gênero, com opções de resposta:

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

Sd = desvio padrão

Teste T – diferença entre as médias

Significância – considerados valores abaixo de 0,05

M – Questões mais masculinas, F – Questões mais femininas

Os dados acima evidenciam a diferença entre os sexos em relação a certos comportamentos, pode-se verificar que os meninos praticam mais exercício físico, são mais competitivos, e mais corajosos nas questões de relacionamento amoroso (ao se declararem às meninas), enquanto as meninas podem ser consideradas mais delicadas, tímidas, dóceis, se preocupam mais com o sentimento alheio e com a sua aparência física. Se compararmos esses resultados com os obtidos pela avaliação motora, podemos perceber que os comportamentos masculinos favorecem a prática esportiva, por outro lado os femininos podem dificultar essa prática, principalmente no tocante aos esportes competitivos e coletivos.

A preferência masculina pela prática esportiva foi verificada em outros países, como verificado por Gibbons, Lynn e Stiles (1997), os adolescentes masculinos de 14 a 16 anos dos quatro países investigados: Cipro, Índia, Países Baixos e Estados Unidos da América, afirmaram praticar esporte em seu tempo livre em proporções significativamente maiores que as adolescentes.

Tabela 8 – Diferença entre os sexos em relação às preferências esportivas identificadas no instrumento de identidade de gênero.

Variáveis	Meninos		Meninas		Teste T	Significância
	Média	Sd	Média	Sd		
Futebol – M	1,72	0,5	0,83	0,6	10,59	<0,001
Basquete – M	1,31	0,6	1,06	0,7	2,621	0,009
Kart – M	1,04	0,8	0,25	0,5	7,641	<0,001
Lutas – M	0,75	0,8	0,37	0,6	3,567	<0,001
Vôlei – F	1,07	0,7	1,73	0,5	-7,316	<0,001
Ginástica Olímpica – F	0,56	0,7	1,22	0,7	-6,513	<0,001
Nado sincronizado – F	0,6	0,7	1,17	0,7	-5,71	<0,001
Ginástica rítmica – F	0,39	0,6	1,08	0,8	-6,813	<0,001
Balé – F	0,15	0,4	0,99	0,8	-9,312	<0,001

Questões sobre preferência esportiva da entrevista de identidade de gênero – Se praticam ou gostariam de praticar tais esportes:

0() nunca 1() às vezes 2() sempre

Sd = desvio padrão

Teste T – diferença entre as médias

Significância – considerados valores abaixo de 0,05

M – Questões mais masculinas, F – Questões mais femininas

A única questão que não apresentou diferença significativa entre os sexos foi sobre o boliche, as demais apresentaram. Dentre essas as atividades preferidas dos meninos foram futebol, basquete, kart e lutas, enquanto as das meninas foram ginástica olímpica, nado sincronizado, ginástica rítmica e balé. Deve-se levar em consideração que para realizar a entrevista selecionamos os esportes considerados mais estereotipados como masculinos ou femininos. O esporte preferido pelos meninos foi o clássico futebol, já o das meninas o vôlei, esses resultados assemelham-se aos de Soares, Kroeff, Oelke (2007), porém no estudo de Mello (s/d) houve preferência pelo futebol tanto pelos meninos quanto pelas meninas. O esporte que apresentou menor diferença entre os sexos foi o basquete, assim como no estudo de Mello (s/d), onde o mesmo número de meninos e meninas selecionaram o basquete como esporte preferido. Percebe-se tanto no nosso estudo, como no de Soares, Kroeff e Oelke (2007) que as atividades escolhidas pelas crianças possuem uma conotação bastante carregada da diferenciação do gênero onde os parâmetros culturais estão presentes, pois é nítida a preferência masculina por esportes mais agressivos, competitivos e de maior contato físico e a

feminina por esportes individuais, mais graciosos e delicados. Tais resultados entram em acordo com o estudo de Romero e Negrão (1998), segundo o qual, devido à falta de oportunidades oferecidas às mulheres em desenvolver suas capacidades motoras de forma similar aos homens, elas acabam sendo poupadas de grandes esforços físicos na escola, se limitando aos afazeres domésticos. Percebe-se que existe muita preocupação sobre o quanto as meninas são prejudicadas e sofrem preconceitos em relação aos esportes, contudo estas questões não afetam apenas as meninas. Cardoso (1994) lembra que também os meninos são afetados por esta disciplina do gênero sobre o desenvolvimento motor, onde se nega a estes, habilidades relacionadas ao ritmo e à manifestação de emoções. Como prova disso, eles são “proibidos” de praticar alguns esportes, como a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD).

Desde crianças já existe a separação entre brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas. Em um estudo realizado por Pereira e Mourão (2005), com crianças da série de Alfabetização até a 4ª série do ensino fundamental, participantes de um Centro de Atenção Integral a Criança no Rio de Janeiro. As autoras verificaram que a separação do grupo não se deu apenas de acordo com o sexo, mas também com a idade, pois as meninas e os meninos menores brincavam juntos, organização que foi se diferenciando com o aumento da idade, culminando em separação total na 4ª série. Portanto, quanto mais idade têm as crianças, aumentam as diferenças nos níveis de oportunidade de suas vivências, das suas habilidades motoras e preferências esportivas.

O quadro 1, a seguir, mostra a preferência por modalidades esportivas de acordo com o sexo encontrada em outras pesquisas.

Quadro 1. Preferência por modalidades esportivas de acordo com o sexo

	(Bader, 2002) 7 – 10 anos* Balneário Camboriú**		(Nobre, 2006) 15 – 18 anos* Florianópolis**		(Soares, 2004) 10 – 12 anos* Joinville**	
	M	F	M	F	M	F
Futebol	66,41%	12,63%	38,8%	13,1%	48,9%	3,17%
Dança	0	4,74%	2,2%	13,1%	0,88%	21,43%
Lutas	7,83%	2,11%	11,9%	6,6%	-----	-----
Basquete	3,79%	5,26%	14,2%	1,6%	1,32%	3,17%
Volei	2,02%	33,68%	9%	21,3%	21,15%	48,41%

M – Sexo masculino

F – Sexo feminino

* Idade cronológica dos participantes da pesquisa

** Cidade onde foi realizada a pesquisa

Com o intuito de comparar nossos dados com os encontrados em outros estudos, criou-se uma tabela com a porcentagem dos resultados encontrados nesta pesquisa, contendo as mesmas atividades. Como o instrumento de pesquisa utilizado neste trabalho possuía opções de frequência como resposta, estes estão apresentados no quadro 4, contendo a porcentagem de frequência que o alunos costumavam ou gostariam de praticar tais atividades.

Quadro 4 – Frequência da preferência esportiva dos participantes da pesquisa.

	Sexo masculino			Sexo feminino		
	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca
Futebol	76,3%	19,3%	4,4%	15,1%	52,7%	32,3%
Basquete	39,5%	51,8%	8,8%	28%	50,5%	21,5%
Lutas	25,4%	23,7%	50,9%	9,7%	17,2%	73,1%
Volei	29,8%	47,4%	22,8%	77,4%	18,3%	4,3%
Ginástica Olímpica*	11,4%	33,3%	55,3%	40,9%	39,8%	19,4%
Ginástica Rítmica*	7,9%	22,8%	69,3%	37,6%	32,3%	30,1%
Balé*	0,9%	13,2%	86%	36,6%	25,8%	37,6%

*Esses três esportes podem ser comparados aos resultados da dança nos outros estudos.

Assim como nos outros estudos, os alunos participantes dessa pesquisa também apresentaram uma preferência por futebol, no sexo masculino e por vôlei no sexo feminino. Ficando evidente a preferência por esses dois esportes no estado de Santa Catarina, onde foram realizadas todas as pesquisas. A segunda opção de esporte já não é tão precisa, variando entre lutas, basquete e vôlei para o grupo masculino e entre futebol e dança (com variações entre as ginásticas) para o grupo feminino.

Tabela 9 – Diferenças entre os sexos em relação à atividade física identificadas no instrumento de identidade de gênero.

Variáveis	Meninos		Meninas		Teste T	Significância
	Média	Sd	Média	Sd		
Sou bom nas atividades esportivas – M	3,04	0,9	2,66	0,8	3,083	0,002
Meus amigos me chamam para jogar com eles – M	3,16	1,3	0,87	1,3	12,56	<0,001
Minhas amigas me chamam para jogar com elas – F	1,51	1,3	3,33	1,1	-10,80	<0,001
Gosto de jogar competindo – M	2,93	1,3	2,46	1,4	2,37	0,019
Gosto de jogar como atacante no futebol – M	2,39	1,8	1,38	1,6	4,208	<0,001
Gosto de jogar como goleiro (a) no futebol – F	1,67	1,6	1,12	1,6	2,425	0,016
Sou um bom dançarino (a) - F	0,64	1,2	2,51	1,4	-10,34	<0,001

Questões da entrevista de gênero - prática esportiva, com opções de resposta:

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

Sd = desvio padrão

Teste T – diferença entre as médias

Significância – considerados valores abaixo de 0,05

M – questões mais masculinas, F - questões mais femininas

Mais uma vez pode-se perceber uma relação maior dos meninos com as atividades físicas em geral, eles consideram-se melhor nas atividades esportivas, gostam de jogar competindo e gostam mais do futebol, tanto na função de atacante como na de goleiro. As meninas apresentaram maiores médias apenas ao caracterizarem-se como melhores dançarinas e por serem mais solicitadas para jogar com outras meninas. Esses resultados corroboram com o estudo de Henderson, Marx e Kim (1999), realizado na Coreia, Japão e Estados Unidos da América, em crianças da 2ª a 5ª séries do Ensino Fundamental, no qual os autores verificaram

que tanto as meninas quanto os meninos dos três países acreditam que os meninos são melhores que as meninas nos esportes e que as meninas são melhores na dança.

Apesar desses resultados não podemos ser ingênuos a ponto de concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois de acordo com Sousa e Altmann (1999), o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas. Mesmo porque meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou mau jogadores freqüentam bancos de reserva durante aulas e recreios e em quadra recebem a bola com menor freqüência até mesmo do que algumas meninas. Foi possível observar esse comportamento durante as aulas assistidas na escola pesquisada. Durante o recreio dificilmente alguma menina se arriscava a jogar com os meninos, mas durante as aulas, em algumas turmas tinha uma ou duas meninas que sempre eram solicitadas pelos meninos a jogar futebol.

Tabela 10 – Diferenças entre os sexos quanto a preferência profissional identificadas no instrumento de identidade de gênero

Variáveis	Meninos		Meninas		Teste T	Significância
	Média	Sd	Média	Sd		
Mecânico (a) - M	0,25	0,4	0,02	0,1	4,914	<0,001
Bibliotecário (a) – F	0,16	0,3	0,32	0,4	-2,833	0,005
Cantor (a) – F	0,32	0,4	0,73	0,4	-6,334	<0,001
Bombeiro (a) – M	0,4	0,5	0,06	0,2	6,042	<0,001
Florista – F	0,06	0,2	0,45	0,5	-7,349	<0,001
Enfermeiro (a) – F	0,18	0,4	0,44	0,5	-4,332	<0,001
Militar – M	0,59	0,5	0,27	0,4	4,823	<0,001
Decorador (a) – F	0,13	0,3	0,72	0,4	-10,70	<0,001
Jornalista esportivo (a) – M	0,48	0,5	0,32	0,4	2,345	0,02
Dançarino (a) – F	0,07	0,2	0,72	0,4	-13,02	<0,001
Modelo – F	0,18	0,4	0,75	0,4	-10,17	<0,001
Ator (atriz) – F	0,49	0,5	0,74	0,4	-3,775	<0,001
Policial – M	0,54	0,5	0,19	0,4	5,345	<0,001
Jogador (a) de futebol – M	0,82	0,4	0,23	0,4	10,462	<0,001
Ginasta - F	0,11	0,3	0,53	0,5	-7,418	<0,001

Questões da entrevista de gênero – profissão que deseja ter, com opção de resposta:

0() não 1() sim

Sd = desvio padrão

Teste T – diferença entre as médias

Significância – considerados valores abaixo de 0,05
M – questões mais masculinas, F - questões mais femininas

Através das preferências profissionais, novamente podemos verificar o quanto os meninos estão mais ligados a profissões que exigem mais esforços físicos ou associadas aos esportes, assim como mecânico, bombeiro, militar, jornalista esportivo, policial e jogador de futebol. Enquanto as meninas preferem profissões delicadas ou mais voltadas para as artes, como modelo e cantora. As únicas profissões voltadas à atividade física, nas quais as meninas obtiveram médias mais altas foram a dança e a ginástica olímpica, esportes tipificados como femininos.

4.4 CORRELAÇÕES ENTRE O DESENVOLVIMENTO MOTOR E A IDENTIDADE DE GÊNERO

Nas tabelas 11 e 12 são apresentadas as correlações entre as variáveis do desenvolvimento motor e as características da entrevista de identidade de gênero.

Tabela 11 – Correlações entre as variáveis do desenvolvimento motor e as de identidade de gênero entre os rapazes

Desenvolvimento motor	Gênero	Correlação	
		R	P
Motricidade global	Pratico muito exercício físico ¹	0,190	0,043
	Gosto de brigar fisicamente ¹	-0,220	0,019
	Gosto de praticar ginástica olímpica ²	0,222	0,017
Equilíbrio	Gosto de praticar vôlei ²	0,235	0,012
Linguagem / organização temporal	Adoro receber elogios ¹	0,246	0,009
	Sou suave no falar ¹	0,195	0,038
	Gosto de brigar fisicamente ¹	- 0,233	0,013

¹ = Questões da entrevista de identidade de gênero, com opções de resposta:

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

² = Questões sobre preferência esportiva da entrevista de identidade de gênero – Se praticam ou gostariam de praticar tais esportes:

0 () nunca 1 () às vezes 2 () sempre
R = índice de correlação
p = significância – considerados valores abaixo de 0,05

Dentre as variáveis do desenvolvimento motor que apresentaram correlação positiva com as atividades do teste de identidade de gênero no sexo masculino, a única que apresentou diferença significativa entre os sexos foi a motricidade global, na qual os meninos obtiveram melhores resultados que as meninas. Essa variável possui correlação positiva com a prática de exercícios físicos e com a prática da ginástica olímpica, fato curioso, pois apesar de ser um esporte estereotipado como feminino, percebeu-se muito interesse dos meninos por esse esporte durante a avaliação. No mesmo período da coleta de dados o professor de educação física estava trabalhando sobre esse esporte nas aulas teóricas, além disso, as coletas ocorreram no período das olimpíadas, fato que pode ter tornado o esporte mais interessante para os meninos fisicamente mais ativos. Outra possível explicação para o interesse dos meninos pela ginástica olímpica talvez, seja a sua natureza acrobática e de aventura e não a sua plasticidade estética que mais chama a atenção das meninas. Inesperadamente a motricidade global apresentou correlação negativa com o gosto por brigas.

O equilíbrio apresentou correlação com o gosto pela prática do voleibol, um esporte que apesar de ser coletivo, não exige muito contato físico, mas exige muita concentração, o que pode explicar a correlação, pois o equilíbrio também exige concentração.

As correlações com a Linguagem / organização temporal mostram que os meninos com maiores habilidades rítmicas gostam de receber elogios e são suaves ao falar.

Tabela 12 – Correlações entre as variáveis do desenvolvimento motor e as de identidade de gênero do sexo feminino

Desenvolvimento motor	Gênero	Correlação	
		R	P
Motricidade fina	Sou auto-suficiente ¹	0,235	0,023
	Gosto de jogar competindo ²	-0,217	0,037
Motricidade global	Meus amigos me chamam para jogar com eles ²	0,208	0,046
	Gosto das aulas de Educação Física ²	0,233	0,025
Equilíbrio	Gosto de jogar vôlei ³	- 0,232	0,025
	Gosto de ginástica olímpica ³	- 0,227	0,029
	Gosto de ginástica rítmica ³	- 0,258	0,012
Organização espacial	Pratico muito exercício físico ¹	0,246	0,018

¹ = Questões da entrevista de identidade de gênero, com opções de resposta:

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

² = Questões da entrevista de identidade de gênero - prática esportiva, com opções de resposta:

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

³ = Questões sobre preferência esportiva da entrevista de identidade de gênero – Se praticam ou gostariam de praticar tais esportes:

0() nunca 1() às vezes 2() sempre

R = índice de correlação

p = significância – considerados valores abaixo de 0,05

A motricidade fina e a global, foram as únicas atividades que apresentaram diferença significativa entre os sexos, respectivamente ($T = 4,98/p < 0,001$ e $T = 2,04/p = 0,042$), sendo que nas duas variáveis os meninos obtiveram melhores resultados. Além disso, as variáveis de gênero correlacionadas com estas variáveis de motricidade, também apresentaram diferença significativa entre os sexos: “Gosto de jogar como atacante no futebol” ($T = 4,2/p < 0,001$) e “meus amigos (do sexo masculino) me chamam para jogar com eles” ($T = 12,56/p < 0,001$). Pensou-se na possibilidade dessas correlações estarem sendo influenciadas pelo nível de masculinidade das participantes. Assim foi feito o teste de correlação (Partial de Pearson) para estas mesmas variáveis, controlando o índice de masculinidade das meninas. A correlação acabou desaparecendo o que nos leva a pensar que estas meninas são mais

convidadas pelos seus amigos para jogar e gostam de jogar como atacantes no futebol porque são mais masculinas e não porque são mais coordenadas.

Os resultados relacionados ao equilíbrio foram muito interessantes, pois a variável apresentou correlações negativas com atividades que promovem um bom equilíbrio, o que pode ter ocorrido pela forma como a pergunta foi feita, pois na entrevista os alunos eram questionados se gostavam de praticar, assistir, ou achavam bonita cada modalidade específica, portanto apesar das meninas colocarem que gostam desses esportes, isto não quer dizer que estas os praticam.

A organização espacial apresentou correlação positiva com a prática de exercício físico, o que significa que quanto mais as meninas realizam atividades físicas, mais estão desenvolvendo sua noção de direita e esquerda, atividade na qual os dois sexos obtiveram resultados muito abaixo do esperado para a idade.

4.5 INTERFERÊNCIA DA IDENTIDADE DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR E PREFERÊNCIA ESPORTIVA

Com a intenção de verificar a interferência da identidade de gênero no perfil de desenvolvimento motor e na preferência esportiva dos alunos, foram criadas categorias a partir das médias da entrevista de identidade de gênero. Essas categorias basearam-se nos índices de masculinidade e feminilidade e foram divididas em quatro grupos: a “masculinidade do sexo masculino” a “feminilidade do sexo masculino” a “masculinidade do sexo feminino” e a “feminilidade do sexo feminino”. Essas categorias ainda foram subdivididas, cada uma em quatro postos, para o sexo masculino: índice de masculinidade –

pouco masculino (16 – 23), razoavelmente masculino (24 - 31), masculino (32 – 38) e muito masculino (39 – 46) e índice de feminilidade – pouco feminino (4 – 13), razoavelmente masculino (14 – 22), feminino (23 – 32) e muito feminino (33 – 42). E para o sexo feminino: índice de masculinidade – pouco masculina (2 – 10), razoavelmente masculina (11 – 18), masculina (19 – 27) e muito masculina (28 – 36) e índice de feminilidade – pouco feminina (20 – 26), razoavelmente feminina (27 – 33), feminina (34 – 40) e muito feminina (41 – 47). As categorias foram criadas com a intenção de realizar uma análise de variância entre os grupos – ANOVA.

4.5.1 Desenvolvimento Motor:

Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em nenhuma área do desenvolvimento motor. Existem outros estudos semelhantes que verificaram diferenças entre os grupos, entretanto esses estudos não avaliaram exatamente o desenvolvimento motor, mas o comportamento motor. Como no estudo de Green, Neuberger e Finch (1983), onde os autores perceberam que os meninos femininos se encontram em uma posição intermediária entre as meninas e os meninos, no comportamento motor, mais especificamente em tarefas como arremessar uma bola, caminhar, correr e contar histórias. Em um outro estudo de Cardoso, Felipe e Hedegaard (2005) as diferenças encontradas também se referem ao comportamento motor, além disso os alunos (previamente indicados pelos professores de educação física por possuírem divergência de gênero) que apresentaram dificuldade no comportamento motor, neste estudo, não apresentaram as outras características investigadas pelos pesquisadores, como movimentos andrógenos com o corpo ou preferir a companhia de pessoas do sexo oposto. Não encontrou-se na literatura nenhum estudo que compare as diferenças no desenvolvimento motor (mais especificamente psicomotricidade) entre os gêneros.

Porém não podemos concluir que realmente essa diferença de gênero no desenvolvimento motor não exista, existe a possibilidade de que o instrumento escolhido para a pesquisa não ofereça exatamente o que se precisava, pois a diferença entre os sexos foi muito pequena também e muito diferente dos dados encontrados pela literatura. Pode-se citar como exemplo o teste de motricidade fina, no qual os alunos deveriam jogar a bola em um alvo e receber a bolinha com uma mão, apenas por utilizar bolas, privilegia as habilidades masculinas (Barreiros e Neto, s/d), os resultados poderiam ter sido diferentes se estivesse testando através de outras habilidades como passar um fio por uma agulha, ou riscar entre linhas.

4.5.2 Preferência Esportiva

A preferência esportiva, ao contrário do desenvolvimento motor, apresentou diferenças significativas em relação às categorias criadas de “masculinidade” e “feminilidade”. Os resultados estão expressos nas tabelas 13 e 14 para o sexo masculino e nas tabelas 15 e 16 para o sexo feminino.

SEXO MASCULINO

Tabela 13 - Masculinidade sexo masculino

	Pouco masculino (16 - 23)	Razoavelmente masculino (24 - 31)	Masculino (32 - 38)	Muito masculino (39 - 46)	F ANOVA	Sig
Futebol	1,22	1,55	1,82	1,95	6,34	0,001
Kart	0,33	0,82	1,18	1,41	4,99	0,003
Ginástica Olímpica	0,44 _a	0,33 _a	0,61 _a	0,86 _b	2,9	0,038

Os valores que apresentam diferença significativa estão representados através das letras “a” e “b”.

F – ANOVA = Análise de variância

p = significância – considerados valores abaixo de 0,05

Ao analisar esta tabela fica evidente o quanto a ideologia do professor pode influenciar a preferência dos alunos em detrimento dos estereótipos dos quais a modalidade esportiva está carregada. A única variável que apresentou diferença significativa foi a Ginástica Olímpica, os meninos “muito masculinos” foram os que mais selecionaram a ginástica como um esporte que gostam de praticar. Acredita-se que a escolha deste esporte pelos meninos possa ter sido influenciada pelo fato de estarem tendo aulas teóricas sobre o mesmo nas aulas de educação física. Com um maior esclarecimento sobre a modalidade em questão, provavelmente os meninos puderam perceber que sua prática esportiva pode ser realizada tanto por meninas quanto por meninos, de maneiras diferentes. Além das aulas, existe a possibilidade destes meninos terem sido influenciados pelas Olimpíadas de 2007, que ocorreram pouco antes da coleta de dados e provavelmente possam ter assistido a prática masculina do esporte, com toda a exigência de força que o caracteriza.

Tabela 14 - Feminilidade sexo masculino

	Pouco feminino (04 - 13)	Razoavelmente feminino (14 - 22)	Feminino (23 - 32)	Muito feminino (33 - 42)	F ANOVA	Sig (p)
Vôlei	0,81 _a	1	1,44	1,75 _b	4,48	0,005
Ginástica Olímpica	0,27 _a	0,44 _a	1,22 _b	1,75 _b	16,17	<0,001
Nado Sincronizado	0,27 _a	0,60	1,06 _b	1,00 _b	5,22	0,002
Ginástica Rítmica	0,08 _a	0,30 _a	0,83 _b	1,75 _c	16,41	<0,001
Balé	0,08 _a	0,08 _a	0,39 _a	0,75 _b	7,72	<0,001

Os valores que apresentam diferença significativa estão representados através das letras “a”, “b” e “c”.

F – ANOVA = Análise de variância

p = significância – considerados valores abaixo de 0,05

Analisando a diferença entre os grupos podemos perceber o quanto o gênero interfere na preferência esportiva, está evidente a preferência dos meninos com características afeminadas por esportes mais delicados, com menor contato físico, mais individuais e mais voltados para a dança, ou movimentos ritimados.

A escolha da ginástica olímpica tanto pelos meninos mais “masculinizados” quanto pelos mais “afeminados” pode ter ocorrido pela diferença de gênero intrínseca que o esporte oferece para a prática masculina (solo sem música e dança, cavalo, argolas, salto, paralelas e barra fixa) e a feminina (solo com música e dança, trave de equilíbrio, salto e paralelas assimétricas). Nesta modalidade, existem 6 aparelhos masculinos e 4 aparelhos femininos, sendo que os masculinos exigem muita força, equilíbrio e estabilidade, enquanto os femininos, além dessas características, exigem ritmo e graciosidade nos movimentos. Como citado acima, os alunos tiveram a oportunidade de presenciar essa diferença durante as Olimpíadas. Porém, diferente de como ocorre no esporte de rendimento, na escola não se aprende exatamente uma ginástica olímpica, as aulas que ocorrem na escola poderiam ser melhor definidas como ginástica acrobática, algo entre a capoeira, pular, saltar e praticar rolamentos, isso pode ter favorecido a preferência dos meninos ao escolherem este esporte.

SEXO FEMININO

Tabela 15 - Masculinidade sexo feminino

	Pouco masculina (2 - 10)	Razoavelmente masculina (11 - 18)	Masculina (19 - 27)	Muito masculina (28 - 36)	F ANOVA	Sig (p)
Futebol	0,29 _a	0,66	1,06	1,22 _b	5,46	0,002
Basquete	0,43 _a	0,95 _b	1,19	1,67 _c	5,41	0,002
Kart	0,14 _a	0,14 _a	0,28 _a	0,78 _b	3,58	0,017
Lutas	0,0 _a	0,23 _a	0,38 _a	1,33 _b	10,24	<0,001

Os valores que apresentam diferença significativa estão representados através das letras “a”, “b” e “c”.

F – ANOVA = Análise de variância

p = significância – considerados valores abaixo de 0,05

Através desta tabela, fica evidente que quanto maior for o comportamento caracterizado como “masculino”, mais próximas as meninas estão de esportes como futebol, basquete, Kart e lutas. Não se encontrou na literatura outros estudos que tenham feito

comparações dessa natureza, níveis de masculinidade e feminilidade entre apenas os meninos e apenas as meninas.

O mais próximo, em termos de literatura, que se encontrou para essa discussão refere-se aos estudos de Mello (s/d) realizados no Rio de Janeiro. A autora identificou o futebol como a primeira opção de escolha entre as meninas, ou ainda como encontrado por Souza e Darido (2002), no município de Rio Claro em São Paulo, onde 91% das meninas afirmaram jogar futebol em sua escola, não apenas nas aulas de educação física, mas também nos momentos de lazer e recreio.

Os achados de Mello e Souza e Darido, sobre a preferência do futebol em relação a outros esportes por parte das meninas, nas suas respectivas regiões, poderia ser explicado pela forma como o futebol é trabalhado na escola, pois este sofre a influência de diversos fatores, como a realização de um trabalho com turmas mistas, um trabalho co-educativo, ou mesmo as percepções e atitudes dos professores em relação aos estereótipos esportivos de gênero.

Neste sentido, percebeu-se durante as aulas de Educação Física da escola pesquisada, que quando o professor trabalhava fundamentos do futebol, as meninas gostavam de jogar e participavam com interesse, porém quando estavam apenas jogando, em alguma aula livre, elas nem se aproximavam da quadra, como se naquele momento eles estivessem jogando a sério, então elas não eram bem vindas. Similar situação foi observada entre os meninos com menor habilidade esportiva.

É importante salientar que no processo co-educativo não basta apenas juntar meninos e meninas em atividades em comum, mas também prepará-los antecipadamente, nas suas limitações, por exemplo, de ritmo para os meninos e de força e agilidade para as meninas em turmas do mesmo sexo. A intenção com essa preparação seria a de aumentar a auto-confiança e a auto-estima dos alunos que se sentem inferiorizados em relação aos outros nos jogos de futebol. Um dado importante da literatura que justifica tal preocupação foi apresentado por

Souza e Darido (2002) onde 60% das meninas afirmaram jogar apenas entre elas, em turmas apenas femininas. Desta forma parece que os níveis de habilidade são menos variados, oportunizando a elas um melhor aprendizado do futebol e provavelmente favorecendo a prática do esporte. Prática que também pode ser aplicada no basquete.

Quanto às outras atividades, lutas e kart são esportes que se percebem ainda mais estereotipados em termos de gênero, poucos pais incentivam suas filhas a assistirem uma corrida de Fórmula I com eles, por exemplo, fato que costuma ocorrer entre os meninos. Sobre as lutas, existe muito preconceito em geral, as pessoas desconhecem quanto uma luta, dependendo da forma que é trabalhada, pode disciplinar e educar um aluno, estas são associadas apenas a atitudes de agressão e violência. Pois apesar da inserção feminina no esporte, ainda hoje são recorrentes algumas representações que fazem apologia da beleza e da feminilidade como algo a ser preservado, principalmente nas modalidades esportivas consideradas como violentas, ou prejudiciais a uma suposta natureza feminina (Goellner, 2005a).

Tabela 16 - Feminilidade sexo feminino

	Pouco feminina (20 - 26)	Razoavelmente feminina (27 - 33)	Feminina (34 - 40)	Muito feminina (41 - 47)	F ANOVA	Sig (p)
Ginástica Olímpica	0,33 _a	0,91 _b	1,32	1,65 _c	10,99	<0,001
Nado Sincronizado	0,67 _a	0,91	1,27	1,43 _b	3,96	0,011
Ginástica Rítmica	0,33 _a	0,78	1,19	1,43 _b	5,93	0,001
Balé	0,11 _a	0,83 _b	1,05	1,43 _c	6,45	0,001

Os valores que apresentam diferença significativa estão representados através das letras “a”, “b” e “c”.

F – ANOVA = Análise de variância

p = significância – considerados valores abaixo de 0,05

Assim como ocorreu com a preferência masculina, as meninas com atitudes mais femininas também escolheram os esportes tipificados do seu gênero. Essa opção não difere de outros estudos, assim como o de Soares, Kroeff e Oelke (2007), onde as modalidades

preferidas pelas meninas foram o voleibol e a dança. Além da influência que estas sofrem nas aulas de educação física, são influenciadas também pela sociedade na qual se desenvolveram, pois apesar do aumento significativo da participação das mulheres no esporte brasileiro nas últimas décadas, as condições de acesso e participação no campo das práticas corporais e esportivas não são iguais quando comparadas aos homens (GOELLNER, 2005b).

4.6 O DESENVOLVIMENTO MOTOR DOS ALUNOS INDICADOS PELO PROFESSOR

Além dos dados estatísticos realizou-se uma comparação das médias do desenvolvimento motor de todos os participantes com os índices dos poucos casos de alunos indicados pelo professor como tendo comportamento de gênero cruzado. Nosso objetivo com essa comparação foi o de tentar perceber alguma diferença evidente no desenvolvimento motor dos alunos percebidos como atípicos em termos de gênero. Para nossa surpresa não foram observadas discrepâncias que pudessem justificar essa percepção atípica, como os quadros abaixo mostram.

Quadro 5 - Sexo masculino

Váriaveis do desenvolvimento motor	Alunos indicados				Média geral
	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	
Motricidade fina*	10	11	10	8	10,59
Motricidade global*	11	11	11	10	10,75
Equilíbrio	11	10	10	10	10,25
Esquema corporal	11	11	10	11	10,75
Organização espacial	8	11	7	8	8,51
Linguagem / org temporal	10	11	10	11	10,30

*Atividades que apresentaram diferença significativa entre os sexos

Quadro 6 - Sexo feminino

Variáveis do desenvolvimento motor	Alunas indicadas		Média geral
	Aluna 5	Aluna 6	
Motricidade fina*	11	9	10,03
Motricidade global*	11	11	10,54
Equilíbrio	11	11	10,33
Esquema corporal	11	11	10,82
Organização espacial	11	8	8,40
Linguagem / org temporal	11	8	10,15

*Atividades que apresentaram diferença significativa entre os sexos

Podemos interpretar essa homogeneidade dos parâmetros avaliados de duas formas. A primeira que alunos percebidos como divergentes em termo de gênero têm similar comportamento motor dos outros estudantes. A segunda é que o instrumento utilizado não estaria detectando uma maior variação ou graduação do desenvolvimento motor nas atividades propostas entre os participantes. Como já observado no teste piloto, tanto o ABC quanto o teste do Rosa Neto não apresentaram a variação esperada, ou seja, uma distribuição normal dos dados. De qualquer forma poucos alunos foram indicados pelo professor, para se chegar a resultados mais conclusivos sobre esse assunto são necessárias mais pesquisas na área, com um número representativo de alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de chegarmos a algum tipo de conclusão deste trabalho, devemos lembrar que não caracteriza de maneira alguma a população pesquisada, pois foi realizado em apenas uma escola e todas as turmas avaliadas tinham aula com o mesmo professor de Educação Física, sofrendo influência de sua percepção e metodologia.

Pudemos perceber que os alunos avaliados possuem um bom desenvolvimento motor, de acordo com a Bateria de Avaliação Motora de Rosa Neto. Exceto no teste de organização espacial, no qual notamos uma grande dificuldade, porém os alunos apresentaram evidente dificuldade na noção de direita e esquerda, o que pode ter influenciado no resultado, pois para fazer as atividades propostas pelo teste, era necessário um bom domínio destes comandos.

As diferenças entre os sexos no desenvolvimento motor foram pequenas, ao contrário da maioria dos estudos encontrados sobre o assunto. Acreditamos que a seleção do teste utilizado para a pesquisa pode ter influenciado nestes resultados, pois acabamos optando pela utilização de uma bateria fechada e talvez tivéssemos resultados mais coerentes se optássemos por testes retirados de diferentes baterias para cada variável, onde pudessemos escolher quais testes estariam avaliando melhor cada uma das habilidades do desenvolvimento motor. Pois estamos preocupados em identificar diferentes níveis de desempenho entre as crianças para cada atividade e não em classificá-las por estarem fora ou dentro da média a partir de testes.

No instrumento de Identidade de Gênero entretanto, foram encontradas muitas diferenças significativas, mostrando a coerência do instrumento e que realmente está avaliando o que se pretendia, os níveis de identificações com atividades e estereótipos de gênero. Contudo, para uma futura testagem do mesmo, pretende-se retirar as variáveis que não apresentaram diferença significativa entre os sexos (APENDICE C).

Não encontramos muitas correlações entre o desenvolvimento motor e a identidade de gênero, ao contrário do que acreditávamos. Existe a possibilidade que essa correlação realmente não seja muito forte, porém esses resultados também podem ter sofrido influência da seleção da Bateria de Avaliação Motora.

Talvez por esse mesmo motivo não tenhamos encontrado interferência dos estereótipos de gênero no desenvolvimento motor. Ou essa diferença realmente não existe, tratando-se de um mito.

A preferência esportiva, por outro lado, de acordo com os resultados, sofre influência direta da Identidade de Gênero. Reforçando nossa crença de que os estereótipos sexuais criados e impostos pela sociedade influenciam diretamente na escolha e prática esportiva tanto em ambiente escolar, quanto fora deste. Ou que as crianças já tenham uma predisposição genética ou epigenética.

Com a realização desta pesquisa tivemos várias percepções além das que estavam em nossos objetivos. No desenvolvimento motor, por exemplo, os alunos tiveram bons resultados, porém os pesquisadores perceberam muita dificuldade na realização de exercícios simples. Como passamos muito tempo na escola, pudemos perceber o quanto esses alunos possuem, principalmente as meninas, uma certa aversão à atividade física. Dizem gostar das aulas de Educação Física, entretanto podem ter dado essa resposta por ser a única aula em que não ficam sentados nas cadeiras, em silêncio. Além disso, algumas aulas são livres, nessas aulas os alunos podem escolher o que querem fazer, a maioria dos meninos joga futebol e as

meninas ficam no pátio, apenas conversando, em sua grande maioria. Esse comportamento acaba solidificando atitudes tipificadas e confortáveis em relação ao próprio gênero.

Acreditamos na necessidade de inserção de programas co-educativos para que possamos possibilitar uma prática mais igualitária de atividade física para meninas e meninos. E ainda que se ofereça treinamento com a intenção de diminuir o impacto das crenças e ideologias sexistas do professor de Educação Física. Desta forma estaremos contribuindo para um melhor desenvolvimento motor, social, físico e psíquico de nossas crianças e adolescentes.

Uma questão muito importante averiguada por esse estudo, foi em relação a escolha do instrumento de avaliação motora, pois através da revisão de literatura, observamos uma diferença nos resultados de acordo com a bateria utilizada, parece que o resultado favorável ao sexo feminino, ou masculino depende da escolha da bateria de avaliação e não do real desempenho dos alunos. Isso talvez ocorra, porque as diferenças entre os sexos podem ocorrer em cada atividade específica e não exatamente em cada área do desenvolvimento motor.

Deixamos como sugestão para futuros estudos a realização de uma pesquisa semelhante utilizando testes não específicos (de diferentes baterias) para cada habilidade do Desenvolvimento Motor, selecionando o que seria mais indicado para cada uma delas, como por exemplo, escolher uma bateria com atividades manuais, como recortar entre uma trilha, ou colocar o fio em uma agulha, para medir a motricidade fina. Desta forma, poderemos ter resultados diferentes em relação à diferença entre os sexos no desenvolvimento motor.

REFERÊNCIAS

BADER, LG. **Atividades Praticadas e prefereridas pelas crianças de 7 a 10 anos no tempo livre em espaços de lazer de Balneário Camboriú – SC.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2002.

BAILEY, J.M. Gender Identity. In: SAVIN-WILLIAMS; COHEN (Orgs). **The lives of lesbians, gays and bisexuals: chindren to adults** (p. 71 – 93). Fort Worth: Harcourt Brace, 1996.

BAILEY. J. M.; OBERSCHNEIDER, M. Sexual Orientation and Professional Dance. **Archives of Sexual Behavior**, v. 26, n. 4, 1997.

BARREIROS, J; NETO, C. **O Desenvolvimento motor e o gênero.** Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa. (s/d). Disponível em: <http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textosjb/texto_3.pdf>. Acesso em 20/09/07 as 10:27.

BARRETO, S. J. **Psicomotricidade: educação e reeducação.** 2ª ed. Blumenau: Acadêmica, 2000.

BATISTELLA, P. **Perfil motor de escolares de Cruz Alta – RS.** Dissertação de mestrado. (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2001.

BERLEZE, A; HAEFFNER, L.S; VALENTINI, N.C. Desempenho motor de crianças obesas; uma investiação do pcosesso e produto de habilidades motoras fundamentais. **Revista Brasileira de Cineantropometria de Desempenho Humano**, v. 9, n. 2, p. 134 – 144, 2007.

BERNS, R. M. **O desenvolvimento da criança.** São Paulo: Loyola, 2002.

BRACE-GOVAN, J. **Looking at bodywork:** Women and Three Physical Activities. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 26, n. 4, p. 403 – 420, 2002.

BRANNON, L. **Gender:** psychological perspectives. Boston: Allyn and Bacon, 1999.

CAETANO, M.J.D; SILVEIRA, C.R.A; GOBBI, L.T.B. Desenvolvimento motor de pré-escolares no intervalo de 13 meses. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 7, n. 2, p. 05 – 13, 2005.

CARDOSO, F.L. O Gênero e o movimento humano. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 15, n. 3, p. 265 – 268, 1994.

CARDOSO, F.L; FELIPE, M.L. HEDEGAARD, C. Gender divergence in physical education classes. **Revista de Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 349 – 357, 2005.

CARRILHO, L.O. **O Perfil motor de escolares obesos da cidade de Cruz Alta – RS.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2002.

COAKLEY, J. **Sports in society:** issues and controversies. 9ª ed. Nova York: McGraw-Hill, 2007.

CONNOLLY, K. Desenvolvimento motor: passado, presente e futuro¹. **Revista Paulista de Educação Física**. Supl 3. p. 6 – 15, 2000.

COX, R.H. **Sport psychology:** concepts and applications. 6ª ed. Nova York: McGraw-Hill, 2007.

CRIPPA, L.R; SOUZA, J.M; SIMONI, S; ROCCA, R.D. Avaliação motora de pré-escolares que praticam atividades recreativas. **Revista da Educação Física / UEM**, v. 14, n 2, p. 13 – 20, 2003.

DOMINGUES, C.A. **Características motoras de crianças asmáticas do município de Santa Maria / RS.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2002.

DSM-IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ECKERT, H.M. **Desenvolvimento motor**. 3 ed. São Paulo: Manole, 1993.

FONSECA, V. da. **Manual de observação psicomotora**: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3ª ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GIBBONS, J.L; LYNN, M; STILES, D.A. Cross-National gender differences in adolescent's preferences for free-time activities. **Cross-Cultural Research**, v. 31, n. 1, p. 55 – 69, 1997.

GOELLNER, S.V. Mulheres e futebol no Brasil. **Revista Brasileira De Educação Física e Esporte**. São Paul, v. 9, n. 2, p. 143 – 151, 2005a.

GOELLNER, S.V. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar e Prática**, v. 8, n. 1, p. 85 – 100, 2005b.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GO TANI. Educação Física na pré-escola e nas quatro primeiras séries do ensino de primeiro grau: uma abordagem de desenvolvimento. **Kinesis**, v. 3, p. 19 – 41, 1987.

GREEN, R; NEUBERG, D.S; FINCH S. J. Sex-typed motor behaviors of “feminine” boys, conventionally masculine boys, and conventionally feminine girls. **Sex Roles**, v. 9, n. 5, 1983.

HALL, E. G.; LEE, A. M. Sex differences in motor performance of young children: fact or fiction. **Sex Roles**, v. 10, n. 3/4, p. 217-230, 1984.

HARRIS, M. **A natureza das coisas culturais**. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HEMMER, J. D.; KLEIBER, D. A. Tomboys and Sissies: androgynous children? **Sex Roles**, v. 7, n. 12, 1981.

HENDERSON, B.B; MARX, M.H; KIM, Y.C. Academic interests and perceived competence in american, japanese, and korean children. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 30, n1, p. 32 – 50, 1999.

HENDERSON, L; ROSE, P; HENDERSON, S.E. Reaction time and movement time in children with a Developmental Coordination Disorder. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 33, n. 5, p. 895 – 905. 1992.

HENDERSON, S. E.; SUGDEN, D. A. **Manual: Movement Assessment Battery for Children**. The Psychological Corporation, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Município São José. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>> Acesso em 28 nov. 2007.

KIMURA, D. Sex difference in the brain. **Scientific American**, v. 267, p. 119 – 125, 1992.

LE BOULCH, J. **A Educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1988

LOPES, V.P; MAIA, J.A.R; SILVA, R.G; SEABRA, A; MORAIS, F.P. Estudo do nível de desenvolvimento da coordenação motora da população escolar (6 a 10 anos de idade) da Região Autónoma dos Açores. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 3, n. 1, p. 47 – 60, 2003.

MANSUR, S.S; MARCON, A.J. Perfil motor de crianças e adolescentes com deficiência mental moderada. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 16, n3, p. 09 – 15, set – dez, 2006.

MASTROIANNI, E.C.Q; BOFFI, T.C; SAITA, L. S; CRUZ, M.L.S. **ABCD no LAR – Aprender, brincar, crescer e desenvolver no Laboratório de Atividades Lúdico Recreativas**. In: PINHO, S.Z; SAGLIETTI, J.R.C. (Org.) Unesp/Escola – Núcleos de Ensino. 3ª ed. v. 1. p. 557 – 567, São Paulo: Unesp, 2006.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MEDINA, J; ROSA, G.K.B; MARQUES, I. Desenvolvimento da organização temporal de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Revista da Educação Física / UEM**, v. 17, n1, p. 107 – 116, 2006.

MELLO, L.M. **Brinquedos, brincadeiras e jogos: guia prático para moldar comportamentos tipificados de meninos e meninas.** S/d. Disponível em: <http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc_1147651799_33.doc> Acesso em Dezembro de 2007.

MEUR, A. de; STAES, L. **Psicomotricidade: educação e reeducação.** São Paulo: Manole, 1991.

MILLER, E; ELLIS, L. Sex, sex orientation and occupational preference. Paper presented at the meeting of the International Behavioral Development Symposium on biological bases of sexual orientation, gender identity, and gender typical behavior, Minot, Maio de 2000.

MONEY, J The concept of gender identity disorder in childhood and adolescence after 39 years. **Jornal of Sex & Marital Therapy**. V. 20, n. 3, p. 163 – 177, 1994.

NOBRE, F.S.S. **Hábitos de lazer, nível de atividade física e características somatomotoras de adolescentes.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2006.

PEREIRA, C.O. **Estudo de parâmetros motores em pré-escolares do ensino fundamental.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2002.

PERERIA, S.A.M; MOURÃO, L. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Motriz**. Rio Claro, v. 11, n 3, p. 205 – 210, 2005.

POETA, L.S. **Avaliação e intervenção motora em escolares com indicadores de Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH).** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2005.

RODRIGUES, L.R. **Caracterização do desenvolvimento físico, motor e psicossocial de pré-escolares de Florianópolis – SC.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2000.

ROMERO,E; NEGRÃO, A.C.S. **Gênero e desempenho motor entre meninos e meninas frente ao Eurofitness test**. In VI Congresso de Eucación Física e Ciencia do Deporte dos Países de Língua Portuguesa, La Coruña. Deporte e Humanismo en Clave de Futuro. La Coruña: González, V.M; Areces, G. V. 1. p. 55-59, 1998.

ROSA NETO, F; BRAZ, A.L.O; POETA, L.S. Perfil biopsicossocial de uma criança com indicadores de altas habilidades. **Efdeportes** – Resvista Digital, v. 10, n 82, 2005.

ROSA NETO, F; COSTA, S.H; POETA, L.S. Perfil motor em escolares com problemas de aprendizagem. **Pediatria Moderna**, v. 41, n. 3, p. 109 – 117, 2005.

ROSA NETO, F. **Desarrollo motor y transtornos del aprendizaje**: estudio de una población normal y patológica. Tese de Doutorado (Doutorado em Medicina da Educação Física) Universidade de Zaragoza – Espanha, 1997.

ROSA NETO, F. **Manual de avaliação motora**: Francisco Rosa Neto. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROSA NETO,F; OLIVEIRA, A.J; PIRES, M.M.S; LUNA, J.L.S. Perfil biopsicossocial de crianças disléxicas. **Temas sobre Desenvolvimento**, v. 9, n51, p. 21 – 24, 2000.

ROSA NETO, F; POETA, L.S; COQUEREL, P.R.S; SILVA, J.C. Perfil motor em crianças avaliadas em um Programa de Psicomotricidade. **Temas sobre Desenvolvimento**, v. 13, n 74, p. 19 – 24, 2004.

ROTH, A; BASOW, S.A. Femininity, sports, and feminism: Developing a Theory of Physical Liberation. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 28, n. 3, p 245 – 265, 2004.

SANTOS, M.P; GOMES, H; RIBEIRO, J.C; MOTA, S. Variação sazonal na actividade física e nas práticas de lazer de adolescentes portugueses. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 5, n. 2, p. 192 – 201, 2005.

SILVA, G.A.S. **Análise da coordenação ampla (grossa) em crianças de 7 a 10 anos**. Dissertação de Mestrado no curso de Mestrado em Educação Física pela Universidade de São Paulo – USP. 1989.

SILVA, J.C. **Avaliação e intervenção motora em crianças portadoras de cardiopatia congênita**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) –

Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2006.

SILVEIRA, S.M.B. **Avaliação e intervenção psicopedagógica em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH) do ensino pré – escolar.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Psicopedagogia) – Universidade do Sul de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

SISTO, F.F. **Escala de Traços de Personalidade para Crianças ETPC.** São Paulo: Vetor, 2004.

SOARES, K.N. **Perfil de desenvolvimento e hábitos de vida de crianças de 10 a 12 anos da Rede Municipal de Ensino de Joinville – SC.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2004.

SOARES, K.N; KROEFF, M.S; OELKE, S.A. Perfil de desenvolvimento e hábitos de vida de crianças de 10 a 12 anos da rede municipal de ensino de Joinville – SC. **Revista Digital EFDeportes.** Buenos Aires. Ano12, n 107. Abril de 2007.

SOUSA, E. S; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, p. 52 – 68, agosto, 1999.

SOUZA, C; FERREIRA, L; CATUZZO, M.T; CORREA, U.C. O Teste ABC do Movimento em crianças de ambientes diferentes. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 7, n. 1, p. 36 – 47. S/D

SOUZA, O.M; DARIDO, S.C. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, v. 8, n. 1, p. 1 – 9, jan-abr de2002.

STOLLER, R.J. The sense of maleness. **Psychoanalytic Quarterly**, n. 34, p. 107-218. 1965.

STOLLER, R.J. The sense of femalenes. **Psychoanalytic Quarterly**, n. 37, p. 42-55. 1968.

TEIXEIRA, L.A. **Avanços em comportamento motor.** São Paulo: Movimento, 2001.

THOMAS, J. R.; THOMAS K. T. Development of gender differences in physical activity. **Quest.** v. 40, n. 3, p. 219 – 229, 1988.

THOMAS, J.R; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª ed. Artimed: Porto Alegre, 2002.

WRIGHT, H.C; SUGDEN, D.A. The nature of developmental coordination disorder: inter and intra-group differences. **Adapted Physical Activity Quaterly**, v. 13, p. 357 – 371, 1996.

APÊNDICES

APENDICE A

Entrevista de Identidade de Gênero

Personalidade

1. Ajo como líder

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

2. Sou afetivo(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

3. Sou agressivo(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

4. Sou alegre

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

5. Sou ambicioso(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

6. Sou ingênuo(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

7. Pratico muito exercício físico

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

8. Tenho compaixão

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

9. Sou competitivo(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

10. Sou feminino(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

11. Defendo os meus pontos de vista

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

12. Adoro receber elogios

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

13. Sou líder

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

14. Sou delicado(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

15. Sou independente

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

16. Sou leal

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

17. Tomo decisões facilmente

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

18. Sou sensível às necessidades do próximo

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

19. Sou masculino(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

20. Sou tímido(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

21. Sou auto-suficiente

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

22. Sou suave no falar

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

23. Tenho personalidade forte

- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
24. Tenho empatia (capacidade de me colocar no lugar dos outros)
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
25. Sou disposto(a) a tomar decisões
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
26. Sou gentil
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
27. Sou disposto(a) a correr riscos
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
28. Sou compreensivo(a)
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
29. Gosto de brigar fisicamente
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
30. Sou dócil
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
31. Costumo amedrontar, intimidar alguns colegas
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
32. Gostaria de ser mais bonito(a)
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
33. Tomo iniciativa quando quero ficar com alguém
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
34. Gosto de conversar sobre namoro e relacionamentos
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
36. Falo palavrão
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

Comportamento motor

Quais desses esportes você costuma ou gostaria de praticar

1. Futebol	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
2. Basquete	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
3. Boliche	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
4. Kart	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
5. Lutas	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
6. Vôlei	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
7. Ginástica Olímpica	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
8. Nado sincronizado	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
9. Ginástica rítmica	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
10. Balé	0() nunca	1() às vezes	2() sempre

1. Sou bom(a) nas atividades esportivas
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
2. Meus amigos costumam me chamar para jogar com eles
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre
3. Minhas amigas costumam me chamar para jogar com elas
- 0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

3. Gosto de jogar competindo

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

4. Sou considerado(a) descoordenado(a)/desengonçado(a) nas aulas de educação física

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

5. Gosto das aulas de educação física

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

6. Sou o(a) último(a) a ser escolhido na formação dos times

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

7. Num jogo de futebol gosto de jogar como atacante

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

8. Num jogo de futebol gosto de jogar como goleiro

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

9. Sou um bom dançarino

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

Profissão

Qual das profissões abaixo você mais de identifica? (pode escolher mais de uma opção)

1() Pedreiro	0() não	1() sim
2() Mecânico	0() não	1() sim
3() Bibliotecário	0() não	1() sim
4() Cantor	0() não	1() sim
5() Bombeiro	0() não	1() sim
6() Florista	0() não	1() sim
7() Enfermeiro	0() não	1() sim
8() Cozinheiro	0() não	1() sim
9() Militar	0() não	1() sim
10() Decorador	0() não	1() sim
11() Jornalista esportivo	0() não	1() sim
12() Costureiro	0() não	1() sim
13() Dançarino	0() não	1() sim
14() Cientista	0() não	1() sim
15() Modelo	0() não	1() sim
17() Empresário	0() não	1() sim
18() Matemático	0() não	1() sim
19() Ator	0() não	1() sim
20() Policial	0() não	1() sim
21() Jogador de futebol	0() não	1() sim
22() Ginasta	0() não	1() sim

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre esclarecido:



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E ESPORTES - CEFID

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Avaliação Sócio-psicomotora de Escolares do Ensino Fundamental

Vimos através desta solicitar permissão para realizar uma avaliação sócio-psicomotora com o seu filho (ou aluno que está sob sua responsabilidade). Será realizada uma avaliação motora, através de testes simples com material lúdico e uma entrevista sobre o perfil social e comportamento. Essas avaliações serão utilizadas para verificarmos as correlações desses perfis com as notas dos escolares. Nenhum aluno será obrigado a participar das avaliações ou responder a entrevista.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolver somente medições não-invasivas.

A sua identidade do seu filho será preservada pois cada aluno será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens da realização deste estudo serão a percepção de qual tipo de comportamento está interferindo no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

As pessoas que estarão aplicando os instrumentos serão um estudante de graduação - Tiago Prestes Costa e um professor responsável – Samantha Sabbag.

Solicitamos a vossa autorização para a utilização dos dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A privacidade será mantida através da não-identificação dos participantes.

Agradecemos a vossa colaboração.

PESSOAS PARA CONTATO

Fernando Luiz Cardoso – 3244-2324

Samantha Sabbag – 9992-8427

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em meu filho (ou aluno que está sob minha responsabilidade).

Declaro que fui informado de que meu filho pode se retirar do estudo a qualquer momento.

Nome do aluno _____.

Nome do responsável _____.

Assinatura do responsável _____

Florianópolis, ____ / ____ / ____ .

APENDICE C

Entrevista de Identidade de Gênero com questões que apresentaram diferenças significativas entre os sexos

Personalidade

7. Pratico muito exercício físico

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

9. Sou competitivo(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

10. Sou feminino(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

14. Sou delicado(a)

18. Sou sensível às necessidades do próximo

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

19. Sou masculino(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

20. Sou tímido(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

30. Sou dócil

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

32. Gostaria de ser mais bonito(a)

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

33. Tomo iniciativa quando quero ficar com alguém

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

Comportamento motor

Quais desses esportes você costuma ou gostaria de praticar

1. Futebol	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
2. Basquete	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
4. Kart	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
5. Lutas	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
6. Vôlei	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
7. Ginástica Olímpica	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
8. Nado sincronizado	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
9. Ginástica rítmica	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
10. Balé	0() nunca	1() às vezes	2() sempre
	0() nunca	1() às vezes	2() sempre

1. Sou bom(a) nas atividades esportivas

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

2. Meus amigos costumam me chamar para jogar com eles

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

3. Minhas amigas costumam me chamar para jogar com elas

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

3. Gosto de jogar competindo

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

7. Num jogo de futebol gosto de jogar como atacante

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

8. Num jogo de futebol gosto de jogar como goleiro

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

9. Sou um bom dançarino

0() nunca 1() quase nunca 2() as vezes 3() quase sempre 4() sempre

Profissão

Qual das profissões abaixo você mais se identifica? (pode escolher mais de uma opção)

2() Mecânico (a)	0() não	1() sim
3() Bibliotecário (a)	0() não	1() sim
4() Cantor (a)	0() não	1() sim
5() Bombeiro (a)	0() não	1() sim
6() Florista (a)	0() não	1() sim
7() Enfermeiro (a)	0() não	1() sim
9() Militar (a)	0() não	1() sim
10() Decorador (a)	0() não	1() sim
11() Jornalista esportivo (a)	0() não	1() sim
13() Dançarino (a)	0() não	1() sim
15() Modelo (a)	0() não	1() sim
19() Ator (a)	0() não	1() sim
20() Policial (a)	0() não	1() sim
21() Jogador de futebol (a)	0() não	1() sim
22() Ginasta (a)	0() não	1() sim

- **A numeração original foi mantida apenas para oferecer uma noção de quantas questões foram retiradas do instrumento.**

APÊNDICE D

Estudo Piloto

Tema: Desenvolvimento Motor e Gênero

Título: Influência dos Estereótipos de Gênero no Desenvolvimento Motor de meninos e meninas.

1 INTRODUÇÃO

1. Objetivo

Este estudo piloto teve como objetivo a familiarização do pesquisador e equipe com os instrumento de avaliação (Moviment ABC; Escala de Desenvolvimento Motor –EDM; Questionário de identidade de gênero), bem como o tempo de execução de todos os testes, a exeqüibilidade e se os resultados respondem aos seguintes objetivos específicos:

- Verificar o desenvolvimento motor dos escolares;
- Mensurar a identidade de gênero dos mesmos ;
- Buscar diferenças entre os sexos no desenvolvimento motor;
- Buscar correlações entre desenvolvimento motor e identidade de gênero.
- Comparar os resultados das duas baterias de avaliação motora com o intuito de verificar qual oferece melhor resultado para cumprir com os objetivos supracitados.

2. Metodologia

O primeiro contato com a coordenação da escola foi realizado, com intuito de esclarecer os objetivos do trabalho e explicar como seriam aplicados os instrumentos tanto para a equipe de coordenação, quanto aos professores responsáveis pelas turmas em que seria

realizada a coleta de dados. Num primeiro momento a pesquisa tinha outro foco, que era avaliar apenas as crianças que tivessem sido indicadas por seus professores por problema de comportamento. Portanto, o estudo piloto foi aplicado em 11 crianças que estavam entre as 42 indicadas por problema de comportamento e em 11 que foram aleatoriamente sorteadas, todas de 5ª e 6ª séries.

As coletas foram realizadas durante as aulas de educação física e ocorreram em uma sala de vídeo, onde estavam presentes apenas as crianças e os pesquisadores. Foi retirado um aluno por aula e aplicado a bateria de avaliação motora - *Movement Assessment Battery for Children* (HENDERSON; SUGDEN, 1992) (ANEXO 3), ao finalizar os outros pesquisadores se retiravam e permanecia apenas a pesquisadora responsável para aplicar a entrevista de identidade de gênero.

Ao finalizar esse processo verificou-se que os dados fornecidos pela bateria de avaliação motora Movement ABC não estava oferecendo a variação necessária para correlacionar com a entrevista de identidade de gênero, portanto decidimos reavaliar as mesmas crianças, aplicando outra bateria, a Escala de Desenvolvimento Motor – EDM. Essa coleta decorreu da mesma forma que a anterior, nas aulas de educação física.

A tabulação dos dados e as análises estatísticas foram realizadas com o programa computadorizado Statistical Package for the Social Science (SPSS for Windows) versão 15.0. A análise dos dados ocorreu através da estatística descritiva dos dois instrumentos de pesquisa. O teste T de Student foi utilizado para verificar diferenças entre os sexos e a correlação para verificar possíveis relações entre o desenvolvimento motor e a identidade de gênero.

3. Resultados

Os resultados deste projeto piloto serão apresentados de acordo com cada objetivo específico. Deve-se levar em consideração que o número da amostra é muito pequeno, portanto nenhum desses resultados é definitivos e não está de maneira alguma representando o comportamento da população da pesquisa.

Diferenças entre os sexos no desenvolvimento motor das crianças.

Com o intuito de verificar a diferença entre o sexo feminino e masculino, foi aplicado o teste T de Student nas variáveis das duas baterias de avaliação motora. As diferenças encontrada utilizando-se o Movement ABC estão descritas na tabela I:

Tabela 01: Diferença motora entre os sexos utilizando o Movement ABC

Variáveis	Meninos		Meninas		Teste T	Significância
	Média	Sd	Média	Sd		
Invertendo os pinos	1,19	1,6	2,16	1,9	1,289	0,212
Recortando o elefante	3,17	1,7	2,83	1,1	-,419	0,681
Trilha da flor	3,83	1,4	2,67	1,7	-1,49	0,154
Receber com uma mão	0,61	1,1	2,44	2,0	2,714	0,013
Arremessar em um alvo na parede	1,08	1,7	2,22	1,4	1,600	0,125
Equilíbrio sobre tábua	4,08	1,5	3,75	1,7	-,447	0,660
Pular e bater palmas	1,92	1,5	3,56	1,2	2,658	0,016
Caminhar para trás	1,33	1,7	2,0	2,3	,753	0,461
Pontuação da destreza manual	8,45	3,2	8,16	3,8	-,170	0,867
Pontuação da habilidade com bola	1,69	1,9	4,66	2,7	2,955	0,008
Pontuação do equilíbrio	7,25	3,2	8,75	3,9	,941	0,359
Pontuação total	2,64	3,4	1,17	2,0	-1,52	0,146

Fica evidente nos resultados acima, que as variáveis que apresentaram diferença estatisticamente significante foram “Receber com uma mão”, atividade em que as crianças tinham que receber a bolinha jogada por outra pessoa com apenas um mão; “pular e bater palmas”, que se constitui em uma atividade que a criança tem que pular um elástico, mais ou

menos na altura do joelho e bater palmas o máximo de vezes que conseguir; E a “pontuação da habilidade com bola, que seria uma média das duas atividades com bola (receber com uma mão e arremessar em um alvo na parede). De acordo com o teste, que oferece pontuação inversa, ou seja, quanto menor o resultado da média, melhor é o resultado das crianças, os meninos obtiveram melhor classificação que as meninas nessas três atividades.

Utilizando a Escala de Desenvolvimento Motor – EDM, encontrou-se menos diferenças entre os sexos, como pode-se observar na tabela II

Tabela 02: Diferença motora entre os sexos utilizando a Escala de Desenvolvimento

Motor – EDM

Variáveis	Meninos		Meninas		Teste T	Significância
	Média	Sd	Média	Sd		
Motricidade fina	4,38	1,1	3,39	1,4	-1,845	0,080
Motricidade global	4,77	0,5	4,39	1,0	-1,101	0,284
Equilíbrio	3,77	1,2	4,22	0,9	,946	0,355
Esquema corporal / rapidez	4,92	0,2	4,89	0,3	-,262	0,796
Organização espacial	3,42	1,6	3,16	1,7	-,357	0,725
Linguagem / organização temporal	4,77	0,4	3,77	1,3	-2,567	0,018
Total EDM	26,33	3,2	25,0	3,6	-,864	0,399

Apenas na atividade “Linguagem / organização temporal” observa-se uma diferença significativa, sendo esta uma atividade na qual os avaliados tinham que fazer risquinhos em uma folha quadriculada o mais rápido que conseguissem. Os meninos mais uma vez obtiveram média mais alta em relação às meninas.

Em geral, observando-se as médias, mesmo as que não apresentaram diferenças significativas, os meninos se saíram melhor em quase todas as atividades, exceto algumas atividades de motricidade fina e equilíbrio, atividades nas quais é esperado um melhor desempenho das meninas, pois atividades mais estáticas, que exigem mais concentração e menos movimento, são características do papel de gênero feminino (Bailey, 1997)

Relações entre desenvolvimento motor e identidade de gênero

Serão apresentados a seguir os resultados mais significantes obtidos através da correlação de Pearson entre as variáveis das duas avaliações motoras com a entrevista de identidade de gênero, nas tabelas 3, 4, 5, 6, 7 e 8 as variáveis estão sendo comparadas com atividades do teste motor Movement ABC. Nas tabelas 9, 10, 11, 12, 13 e 14 as variáveis estão sendo comparadas com atividades da Escala de Desenvolvimento Motor – EDM.

Correlações com a avaliação motora Movement ABC

Tabela 3: Correlações das variáveis de identidade de gênero com “trilha da flor”

	Trilha da flor
Bibliotecário ¹	599* p= 0,011
Florista ¹	509* p= 0,037
Cozinheiro ¹	599* p= 0,011

¹ Questão do teste de gênero sobre profissões que as crianças gostariam de ter. Opções de resposta: () sim () não

A atividade “Trilha da flor” pertence a uma das atividades de destreza manual da avaliação motora ABC, nessa atividade, a criança deve percorrer um caminho entre duas linhas a lápis, que formam o contorno de uma flor. Possui correlação com três atividades que as crianças gostariam de ser como profissionais: bibliotecário, florista e cozinheiro, atividades que exigem concentração, assim como habilidades manuais.

Apresentam-se a seguir as correlações da atividade do teste ABC “Arremessar em um alvo” com as de identidade de gênero.

Tabela 4: Correlações das variáveis de identidade de gênero com “arremessar em um alvo”

	Arremessar em um alvo
Sou considerado descoordenado nas aulas de Educação Física ¹	-489* p=0,039

¹ Questão do teste de gênero: Sou considerado(a) descoordenado(a)/desengonçado(a) nas aulas de educação física.

0() sempre 1() quase sempre 2() as vezes 3() quase nunca 4() nunca

Percebe-se através da tabela acima que as pessoas que conseguiram um bom resultado na atividade “arremessar em um alvo”, não são consideradas descoordenadas nas aulas de Educação Física. Essa tarefa se constitui do lançamento de uma bola pela criança, com intenção de acertar em um alvo na parede, na altura do seu peito. É esperado que crianças consideradas boas por seus colegas e professores nas aulas de Educação física se saiam bem nessa atividade.

As correlações entre a atividade motora do ABC “Pular e bater palmas” e entrevista de identidade de gênero, estão na tabela 5.

Tabela 5: Correlações das variáveis de identidade de gênero com “pular e bater palmas”

	Pular e bater palmas
Sou leal ¹	-534* p= 0,027
Sou dócil ¹	-495* p= 0,043
Pratico basquete ²	-519* p= 0,033
Pratico lutas ²	490* p=0,046
Pratico ginástica olímpica ²	519* p=0,033
Minhas amigas me chamam para jogar com elas ¹	-487* p=0,047
Num jogo de futebol gosto de jogar como atacante ¹	485* p= 0,049
Bibliotecário ³	-525* p=0,030
Cozinheiro ³	-525* p= 0,030
Jogador de futebol ³	566* p=0,018

Atividades do teste de gênero

¹Sou leal; Sou dócil; Minhas amigas costumam me chamar para jogar com elas; Num jogo de futebol gosto de jogar como atacante

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

²Pratico basquete; pratico lutas; pratico ginástica olímpica

() nunca () às vezes () sempre

³ profissões que as crianças gostariam de ter

() não () sim

“Pular e bater palmas” é uma atividade em que as crianças têm que pular no lugar e alcanças com o calcanhar suas mãos, que estão esticadas na altura do glúteo. A maioria das variáveis que obtiveram correlação positiva com essa atividade demonstram comportamentos mais violentos e de maior atitude, como praticar lutas, jogar como atacante e pretender ser jogador de futebol, ao contrário das atitude mais delicadas com as quais as correlações foram negativas, ser dócil, leal e pretender ter profissões como bibliotecário e cozinheiro. Essas correlações podem ser explicadas tanto pela agilidade exigida pelo teste, como pelo fato de os meninos terem obtido melhores médias que as meninas nessa tarefa de acordo com o Teste T.

Tabela 6: Correlações das variáveis de identidade de gênero com “destreza manual”

	Destreza manual
Empresário ¹	-613** p= 0,009
Matemático ¹	-643** p= 0,005
Tenho personalidade forte ²	492* p=0,045
Pratico Kart ³	-496* p = 0,043
Gosto de voleibol ³	506* p= 0,038

Atividades do teste de gênero

¹ profissões que as crianças gostariam de ter

() não () sim

¹Tenho personalidade forte

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

²Pratico Kart; Gosto de voleibol

() nunca () às vezes () sempre

A tabela acima mostra as correlações entre as variáveis de identidade de gênero, com a média de três atividades do teste ABC (invertendo os pinos, recortando o elefante e trilha da flor), que compõe a destreza manual. Assim como esta destreza obteve médias mais altas pelas meninas no Tete T apresentou correlações negativas com profissões que exigem pensamento lógico, como empresário e matemático, como afirma Brannon (1999) os meninos costumam se dar melhor com essas características lógico e matemática.

Tabela 7: Correlações das variáveis de identidade de gênero com “equilíbrio”

	Equilíbrio
Sou gentil ¹	-522* p= 0,038
Bombeiro ²	539* p= 0,031
Jogador de futebol ²	536* p= 0,032

Atividades do teste de gênero

¹Sou gentil

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

² Profissões que as crianças gostariam de ter

() não () sim

As atividades de equilíbrio deste teste eram baseadas no equilíbrio dinâmico, tarefa que também exige características da motricidade global, talvez por isso, os meninos tenham se saído melhor, apesar da diferença não ter sido significativa no Teste T. As correlações confirmam esse fato mostrando que as profissões com correlações positivas com este teste, são profissões estereotipadas como masculinas.

Tabela 8: Correlações das variáveis de identidade de gênero com a pontuação final do teste ABC.

	Pontuação final ABC
Pratico muito exercício físico ¹	512* p= 0,043
Gosto de brigar fisicamente ¹	576* p= 0,020
Meus amigos me chamam para jogar com eles ¹	595* p=0,015
Num jogo de futebol gosto de jogar como atacante ¹	527* p= 0,036
Bombeiro ²	638** p= 0,008

Atividades do teste de gênero

¹ Pratico muito exercício físico; Gosto de brigar fisicamente; Meus amigos costumam me chamar para jogar com eles; Num jogo de futebol gosto de jogar como atacante

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

² Profissões que as crianças gostariam de ter

() não () sim

Verificando as correlações com a pontuação final do teste ABC, percebe-se que o perfil das crianças que obtiveram scores mais altos no teste motor, aparentam ser mais ativas,

que praticam mais atividades físicas em geral e que ao praticar preferem esportes com maior contato físico e mais agressivos.

Correlações com a Escala de Desenvolvimento Motor – EDM

Tabela 9: Correlações das variáveis de identidade de gênero com a motricidade global

	Motricidade global
Sou afetivo ¹	-667** p=0,002
Sou auto-suficiente ¹	473* p= 0,048
Meus amigos me chamam para jogar com eles ¹	469* p= 0,049

Atividades do teste de gênero

¹Sou afetivo; Sou auto-suficiente; Meus amigos costumam me chamar para jogar com eles.

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

A motricidade global da EDM apresenta atividades, que exigem além da motricidade, coragem, como por exemplo pular sobre uma cadeira, provavelmente por isso os meninos também se saíram melhor nessas atividades, apesar de não apresentar uma diferença significativa, as correlações também mostram características de pessoas mais corajosas e autônomas, e correlações negativas com características de crianças mais delicadas.

Tabela 10: Correlações das variáveis de identidade de gênero com o equilíbrio

	Equilíbrio
Sou tímido ¹	772** p<0,001
Num jogo de futebol gosto de jogar como goleiro ¹	490* p= 0,039
Enfermeiro ²	579* p= 0,12
Decorador ²	528* p = 0,024
Dançarino ²	528* p= 0,024

Atividades do teste de gênero

¹ Sou tímido; Num jogo de futebol gosto de jogar como goleiro

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

² Profissões que as crianças gostariam de ter

() não () sim

Ao contrário do ABC, as atividades de equilíbrio da EDM são mais estáticas, o que explica a correlação com comportamentos que aparentam mais introversão e concentração e no teste T, foi uma das poucas atividades em que as meninas ficaram melhor classificadas que os meninos, mesmo essa diferença não sendo significativa .

Tabela 11: Correlações das variáveis de identidade de gênero com esquema corporal e rapidez

	Esquema corporal / rapidez
Defendo os meus pontos de vista ¹	657** p=0,003
Sou compreensivo ¹	630** p=0,005
Falo palavrão ¹	495* p= 0,037

Atividades do teste de gênero

¹ Defendo os meus pontos de vista; Sou compreensivo; Falo palavrão

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

Esta atividade exige principalmente rapidez e até mesmo um pouco de motricidade fina, pois as crianças devem preencher uma folha quadriculada com risquinhos feitos a lápis no tempo máximo de um minuto, suas correlações mostram que os alunos que se saem bem neste teste demonstram atitude e autonomia.

Tabela 12: Correlações das variáveis de identidade de gênero com a organização espacial

	Organização espacial
Sou bom nas atividades esportivas ¹	-566* p= 0,014
Gosto de jogar competindo ¹	-571* p=0,013

Atividades do teste de gênero

¹Sou bom nas atividades esportivas; Gosto de jogar competindo

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

A avaliação da organização espacial deste teste estão mais associadas a lateralidade, pois todas as atividades necessitam da identificação de direita e esquerda por parte da criança.

Talvez por isso, os resultados mostrem correlações negativas com as atividades esportivas e competitivas.

Tabela 13: Correlações das variáveis de identidade de gênero com linguagem e organização temporal

	Linguagem / Organização temporal
Sou masculino ¹	570* p= 0,013
Gosto de conversar sobre namoro e relacionamentos ¹	557* p=0,016
Falo palavrão ¹	484* p= 0,042
Pratico ginástica rítmica ²	-591** p=0,010

Atividades do teste de gênero

¹Sou masculino; Gosto de conversar sobre namoro e relacionamentos; Falo palavrão

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

² Pratico ginástica rítmica

() nunca () às vezes () sempre

Nesta atividade as crianças tinham que representar tempos musicais através de batidas com um palitinho na mesa ou desenhando os espaços de tempo em um papel, foi a única atividades em que houve diferença estatisticamente significativa entre a média dos meninos e as meninas no Teste T. Pode-se verificar também correlações positivas com atitudes de papel de gênero masculinas.

Tabela14: Correlações das variáveis de identidade de gênero com a pontuação final da EDM

	Total EDM
Sou tímido ¹	677** p= 0,04
Sou disposto a tomar decisões ¹	-522* p= 0,027

Atividades do teste de gênero

¹Sou tímido; Sou disposto a tomar decisões

() sempre () quase sempre () as vezes () quase nunca () nunca

Na pontuação total da EDM, as correlações foram positivas com características de timidez, e negativas com a disposição para tomar decisões, como todo o teste parece se basear

em movimentos mais estáticos que dinâmicos, provavelmente apresente melhor resultado nos testes as crianças que possuem atitudes mais introspectivas e com maior concentração.

4. Considerações finais

A amostra é muito pequena para se chegar a qualquer conclusão, entretanto pudemos perceber algumas diferenças significativas entre os sexos e algumas correlações, que se enquadram nos estereótipos de gênero, isto é, atitudes e comportamentos esperados e aceitos pela sociedade de meninos e meninas.

Quanto a comparação dos dois testes motores, nenhum se apresentou mais eficiente que outro. Entretanto verifica-se a necessidade de algumas atividades de cada um dos testes, fazendo-se necessário identificar qual das atividades de cada um respondeu melhor aos objetivos desta pesquisa, para a seleção de quais atividades serão utilizadas para avaliar as crianças.

ANEXOS